



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LYS MARIA RAMOS DE SOUZA

**“O FUTURO É A MULHER INDÍGENA, OU NÃO SERÁ”:
UMA ETNOGRAFIA DAS MULHERES INY KARAJÁ DO
TOCANTINS NO INSTAGRAM**

Porto Nacional/TO
2022

LYS MARIA RAMOS DE SOUZA

**“O FUTURO É A MULHER INDÍGENA, OU NÃO SERÁ”:
UMA ETNOGRAFIA DAS MULHERES INY KARAJÁ DO
TOCANTINS NO INSTAGRAM**

A monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Bacharelado em Ciências Sociais para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Suiá Omim Arruda de Castro Chaves

Porto Nacional/TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S729  Souza, Lys Maria Ramos de .
"O futuro é a mulher indígena, ou não será": Uma etnografia das mulheres Iny Karajá do Tocantins no Instagram. / Lys Maria Ramos de Souza. – Porto Nacional, TO, 2022.
67 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Ciências Sociais, 2022.
Orientadora : Suiá Omim Arruda de Castro Chaves

1. Mulheres Indígenas. 2. Política. 3. Bonecas Ritsoko. 4. Instagram. I.
Título

CDD 300

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

LYS MARIA RAMOS DE SOUZA

“O FUTURO É A MULHER INDÍGENA, OU NÃO SERÁ”: UMA ETNOGRAFIA DAS MULHERES INY KARAJÁ DO TOCANTINS NO INSTAGRAM

A monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional, Curso de Bacharelado em Ciências Sociais para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais e aprovado em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20 / 12 / 2022

Banca Examinadora

Documento assinado digitalmente
 SUIA OMIM ARRUDA DE CASTRO CHAVES
Data: 20/01/2023 16:41:10-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Suiá Omim Arruda de Castro Chaves (Orientadora), UFT

Documento assinado digitalmente
 ANDRE LUIS CAMPANHA DEMARCHI
Data: 20/01/2023 06:53:35-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. André Luis Campanha Demarchi, UFT

Documento assinado digitalmente
 EUGISLANE MOREIRA LIMA
Data: 20/01/2023 17:35:44-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dra. Eugislane Moreira Lima karajá, UFT

Porto Nacional/TO
2022

*Para minha avó Izaltina Ramos e todas as
mulheres indígenas e não indígenas que
tornaram essa pesquisa possível.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço as 3 mulheres mais importantes na minha formação até aqui, a minha avó Izaltina Ramos, minha mãe Gleyva Otília Ramos e minha tia Gleys Ially Ramos, que foram fundamentais no meu ingresso e permanência na universidade. Sou grata a todas as pessoas da minha família que de alguma forma também me incentivaram durante o curso.

A minha orientadora, Profa. Dra. Suiá Omim Arruda de Castro Chaves, por todo o esforço e dedicação em me orientar durante esses últimos anos de graduação, sempre muito paciente, cuidadosa e atenciosa.

A coordenação do curso de Ciências Sociais, em especial nossa ex secretária do curso Luzirene Gonçalves dos Santos. A todo o colegiado do curso, e principalmente aos que durante a formação foram me guiando nesse caminho da antropologia e estudos de mulheres: Prof. Dr. André Luís Campanha Demarchi, Profa. Dra. Janaína Alexandra Capistrano da Costa e Profa. Dra. Liza Aparecida Brasilio.

Às minhas mais que colegas de graduação, amigas: Lucileide, Leidiane e Kathyane, passamos por muitas dificuldades juntas, mas também conseguimos nos apoiar para chegar juntas nessa reta final.

A todas as mulheres indígenas do povo Iny Karajá, as que me receberam na aldeia Horotory Awá, as que me autorizaram a fazer esse trabalho em seus perfis nas redes sociais e a Rafaella Coxini Karajá que dispôs do seu tempo para me auxiliar com conversas e ensinamentos sobre o povo Iny.

Ao meu companheiro Felipe Souza Milhomem, por trazer nessa reta final de escrita suporte físico e emocional.

Agradeço ainda a banca deste trabalho, pela disponibilidade em aceitar o convite para contribuir com suas considerações importantes na conclusão da pesquisa.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda as atuações e articulações políticas de mulheres Iny Karajá do Tocantins, através de um estudo etnográfico realizado no contexto da pandemia de COVID - 19. O estado de quarentena e fechamento dos territórios indígenas em todo o Brasil entre os anos de 2020 a 2022 (anos que centram as análises desta pesquisa), fizeram com que pesquisadoras e pesquisadores buscassem novos meios de seguir suas pesquisas, como é o caso deste trabalho que utilizou-se da netnografia, uma área da etnografia que busca investigar a cultura de determinado grupo ou sociedade nas redes sociais, assim utilizamos a rede social Instagram. Foram utilizadas ainda as técnicas metodológicas de observação dos perfis de 3 mulheres Iny Karajá no Instagram, seguida de entrevistas e uma breve pesquisa de campo no território Iny Karajá na Ilha do Bananal/TO em 2022. Todos esses percursos apontaram que as mulheres Iny estão cada vez avançando nos espaços de articulação política, utilizando muitas vezes da arte Iny para chamar a atenção dos não indígenas aos seus discursos. Entre as produções artísticas encontradas na investigação das narrativas temos a Boneca Ritxoko por exemplo, que é um patrimônio cultural imaterial brasileiro. O ativismo (arte + ativismo) dessas mulheres, nos leva a compreender que existem multiversos e múltiplas formas de poder, sendo este nosso objetivo principal evidenciar as contra narrativas e as cosmopolíticas produzidas nos espaços políticos, ou não, que as mulheres Iny Karajá ocupam.

Palavras-chaves: Mulheres Indígenas. Política. Bonecas Ritxoko. Instagram.

ABSTRACT

This Course Completion Work addresses the actions and political articulations of Iny Karajá women from Tocantins, through an ethnographic study carried out in the context of the COVID - 19 pandemic. from 2020 to 2022 (years that center the analyzes of this research), made researchers look for new ways to follow their research, as is the case of this work that used netnography, an area of ethnography that seeks to investigate the culture of a certain group or society on social networks, so we use the social network Instagram. Methodological techniques of observation of the profiles of 3 Iny Karajá women on Instagram were also used, followed by interviews and a brief field research in the Iny Karajá territory on Bananal Island/TO in 2022. All these paths pointed out that Iny women are increasingly advancing in spaces of political articulation, often using Iny art to draw the attention of non-indigenous people to their speeches. Among the artistic productions found in the investigation of the narratives, we have the Boneca Ritxoko, for example, which is a Brazilian intangible cultural heritage. The artivism (art + activism) of these women leads us to understand that there are multiverses and multiple forms of power, and this is our main objective to highlight the counter-narratives and cosmopolitics produced in political spaces, or not, that women Iny Karajá women occupy.

Key-words: Indigenous Women. Politics. Ritxoko Dolls. Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1. Ailton Krenak na Constituinte de 1988 se pintando
- Figura 2. Terras Indígenas do Povo Iny
- Figura 3. Boneca Ritxoko: Aldeia Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal/TO
- Figura 4. Sônia Bone Guajajara
- Figura 5. Narubia Werreria
- Figura 6. Livro Infantil ilustrado por Narubia Werreia “Ritxoko”
- Figura 7. Rafaella Coxini
- Figura 8. Hawalari Coxini
- Figura 9. Ritual de Passagem de Menina Moça Myralú filha de Narubia
- Figura 10. Festa de aniversário da filha de Rafaella Coxini com tema “Princesinha Iny”
- Figura 11. Capa de divulgação do Curta metragem “Hawalari”
- Figura 12. A Resistência Indígena na Pandemia
- Figura 13. Raoni Metuktire do povo indígena Caiapó
- Figura 14. Eugislane Moreira Lima mulher indígena do povo Iny Karajá - Xambioá

LISTA DE SIGLAS

UFT - Universidade Federal do Tocantins

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PIMI - Programa Institucional de Monitoria Indígena

NEAI - Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas

COVID -19 - Coronavírus Disease 2019

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DSEI/TO - Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bixessuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais

PSOL - Partido Socialismo e Liberdade

APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

INDTINS - Instituto Indígena do Tocantins

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

PL - Projeto de Lei

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 O POVO INY KARAJÁ DO TOCANTINS.....	15
2.1 As bonecas Ritxoko.....	22
3 MULHERES INDÍGENAS CONTRA O ESTADO.....	26
4 O INSTAGRAM E O ARTEVISMO DAS MULHERES INY KARAJÁ	36
4.1 Os movimentos políticos de povos indígenas na pandemia.....	40
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A - Entrevista com Rafaella Coxini.....	49
APÊNDICE B - Diário de Campo - Aldeia Horotory Awá.....	52
APÊNDICE C - Diários de Campo nas Redes de Comunicação	63

1 INTRODUÇÃO

Eu me chamo Lys Maria, e a minha trajetória nas Ciências Sociais se inicia no ano de 2017 ano em que ingressei na Universidade Federal do Tocantins (UFT), quando optei por uma graduação que não somente me formasse para o mercado de trabalho, mas que pudesse me fazer questionar, pensar e agir na sociedade. Sou natural de Porto Nacional, nascida e criada em um bairro chamado São Vicente, que por muito tempo foi um lugar marginalizado da cidade de Porto Nacional, chegando a ser chamado de “Sapolândia”, nesse contexto fui criada por uma família de mulheres que viram na educação a oportunidade de transformar a realidade da nossa família.

Ao chegar na graduação me encontrei e me permiti viver tudo que o curso podia me oferecer, sendo assim logo no terceiro período ingressei em grupos de pesquisa e na iniciação científica através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UFT), realizei a minha primeira pesquisa e logo fui pesquisar mulheres trabalhando com o conceito de feminismo, onde também comecei a ser ativista da pauta, para complementar minha formação e me manter na faculdade através de bolsas novamente, fui monitora do Programa Institucional de Monitoria Indígena (PIMI), onde eu tive contato com estudantes indígenas Akwê – Xerente do Campus de Porto Nacional e com o Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas (NEAI), com tudo isso e já passado alguns períodos fui me aproximando cada vez mais da antropologia.

Encerrado meu primeiro PIBIC onde pesquisei mulheres em cargos políticos no Tocantins, senti a necessidade de continuar pesquisando e falando sobre mulheres, e minha experiência com o PIMI, me levou a perceber que embora o Campus de Porto Nacional tivesse muitos estudantes indígenas e Xerentes, todos eram do sexo masculino não tinha nenhuma mulher matriculada no ano de 2019, por isso procurei a professora Suiá Omim Arruda de Castro Chaves para me orientar em uma pesquisa sobre mulheres indígenas do Tocantins que também foi contemplada com bolsa PIBIC/UFT, e foram os desdobramentos da nossa pesquisa inicial realizada no PIBIC nos levaram ao trabalho que abordaremos aqui.

Com a chegada do ano de 2020 eu e o mundo inteiro fomos pegos de surpresa, por um vírus a Coronavirus Disease 2019 (COVID -19), esse vírus que causa uma doença viral tem seu contágio pelo contato e pela circulação do ar, chegando a se espalhar pelo mundo inteiro, tendo seu primeiro pico de contágio no final do ano de 2019, e chegando ao Brasil em Fevereiro de 2020. Com o vírus espalhado e o estado de pandemia instaurado, os territórios indígenas se fecharam, comércios fecharam suas portas, as universidades pararam, o mundo

inteiro teve que começar a tomar medidas de quarentena para evitar a doença que pode ser mortal em alguns casos.

Com essas medidas de isolamento e a espera pela vacina contra a COVID – 19, eu e boa parte da população brasileira passamos a utilizar cada vez mais as redes sociais, novo local para um contato seguro. Eu que já estava trabalhando com mulheres indígenas, mas impossibilitada de estar realizando Pesquisa de Campo fisicamente, tive que me reinventar quanto pesquisadora, assim comecei a seguir nas redes sociais e observar mulheres indígenas do Brasil inteiro e principalmente do Tocantins.

Entre os anos de 2020 a 2022, anos que essa pesquisa se centra, observei um número relevante de mulheres indígenas com trabalhos nas redes sociais e principalmente na plataforma do Instagram, que possui um recurso de lives (transmissão ao vivo), o que possibilitou durante a pandemia de COVID -19 que essas mulheres pudessem ter um espaço para falar sobre vários assuntos de cunho político, de resistência e sobrevivência dos povos originários e outros temas para um grande público indígena e não indígena. Essa observação foi fundamental para definir o recorte deste trabalho.

Essa pesquisa monográfica busca então compreender as atuações e articulações políticas de mulheres Iny Karajá do Tocantins no Instagram durante a pandemia, se voltando a 3 mulheres específicas sendo essas Rafaella Coxini, Hawalari Coxini e Narubia Werreria. Ambas possuem redes sociais ativas e formas próprias de fazer suas reivindicações políticas, por isso foram escolhidas para a observação durante esse trabalho.

Para compreendermos as formas de se fazer política dessas mulheres precisamos nos voltar a alguns recursos, por isso esse trabalho terá cunho qualitativo, passando por processos metodológicos de Revisão Bibliográfica com autores e autoras que tratam sobre política e povos indígenas.

A Pesquisa de Campo realizada entre 2021 – 2022 de lives e perfis de mulheres indígenas no Instagram e do campo presencial na Aldeia Indígena Horotory Awá, produziu diários de campo, que serviram como registro e fonte da pesquisa. A escrita da Etnografia aqui apresentada contou com várias técnicas de produção de dados, sendo analisadas bibliografias, realização de entrevista e observação de redes sociais, com o recurso da netnografia.

Assim a organização do trabalho apresenta narrativas de mulheres indígenas de forma horizontal, trabalhando os conceitos de “cosmopolíticas” de Isabelle Stengers (2018), “sociedades contra o Estado” de Pierre de Clastres e “ contra narrativas” de André Demarchi (2020).

Sendo este Capítulo 1, introdutório; o Capítulo 2 busca trazer um panorama da história e cultura do Povo Iny Karajá do Tocantins, destacando aspectos da vida social Iny e da produção da Boneca Ritxoko. No Capítulo 3 trazemos um debate de gênero nas sociedades indígenas trabalhando conceitos como cosmopolíticas e contra narrativas, para apontar o protagonismo de mulheres indígenas nas redes sociais nos últimos anos, apresentando ainda os perfis das 3 mulheres Iny Karajá que esse trabalho investiga. Já no Capítulo 4 trazemos para debate o espaço das redes sociais, mostrando como o Instagram é vitrine para divulgação do Artivismo de mulheres indígenas, apresentamos ainda neste capítulo um breve relato dos movimentos políticos de povos indígenas no Brasil entre os anos de 2020 a 2022. Para finalizar, trazemos no Capítulo 5 as Considerações Finais da pesquisa.

2 O POVO INY KARAJÁ DO TOCANTINS

Para compreendermos as questões de gênero no povo Iny Karajá do Tocantins e as produções e atuações das mulheres Iny Karajá nas redes sociais, mais especificamente no Instagram, trarei inicialmente algumas considerações históricas sobre as conquistas de direitos e reconhecimento dos povos indígenas do Brasil, e em seguida como se organizam tradicionalmente e atualmente o povo que essa pesquisa toma por crivo.

A população brasileira possui uma das maiores diversidades étnicas e culturais do mundo, essa grande diversidade se dá pelos povos indígenas e quilombolas que habitam nosso território, estudar sobre esses povos não é sobre estudar “o outro” ou “o diferente” é sobre conhecer a verdadeira história do Brasil e compreender de fato a sociedade em que vivemos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) os povos indígenas no Brasil hoje somam mais de 895 mil, divididos em 304 etnias e 274 idiomas, apesar do número relevante é preciso lembrar que a população indígena no país é reduzida diante do genocídio, exploração e ataque cultural sofridos desde a invasão portuguesa no Brasil.

Por séculos os povos indígenas foram excluídos da formação do Brasil e do acesso a direitos básicos, somente com o marco da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Estado passou a reconhecer os direitos dos povos indígenas e suas dívidas históricas, em mais de 500 anos de história do Brasil, há apenas 34 anos os povos originários passaram a ser reconhecidos como cidadãos providos de direitos.

Os direitos conquistados não foram um presente da recém conquistada Democracia na época, muito pelo contrário, os movimentos indígenas começaram a se organizar ainda na década de 1970 no período de redemocratização do Estado, pois os povos indígenas começaram a perceber que suas lutas além de serem pela preservação de suas culturas e territórios, precisavam ser também lutas políticas e jurídicas. ocupar esses espaços de poder que realmente foram cruciais e estão sendo até hoje para a sobrevivência indígena.

Alguns líderes indígenas conhecidos nas mídias atualmente fizeram parte do processo da luta para participar da escrita do que ficou conhecido na Constituição como o “Capítulo dos Índios”, povos indígenas de todos os cantos do país marcharam a Brasília - DF para participar da Constituinte, nomes como Ailton Krenak, filósofo, escritor e ativista ambiental do povo Krenak ficaram conhecidos na história por protagonizar, na Constituinte de 1988, momentos de protesto contra o Estado. Na ocasião ele começou a se pintar com tinta de jenipapo em plena Sessão do Congresso Nacional para debater a Constituinte, segundo o escritor em

entrevista ao programa Roda Viva em 19 de Abril de 2021, na visão dele mesmo naquele cenário de saída da ditadura para a redemocratização, o Estado brasileiro era menos contraditório do que ele é hoje, já que naquele período o povo estava lutando junto por uma causa que era democracia.

Tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa”. A gente resistiu expandindo a nossa subjetividade, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos. (KRENAK, 2019, p. 15).

Figura 1 - Ailton Krenak na Constituinte de 1988 se pintando



Fonte: Revista Cinema, “Um filme para Krenak”, 2016.

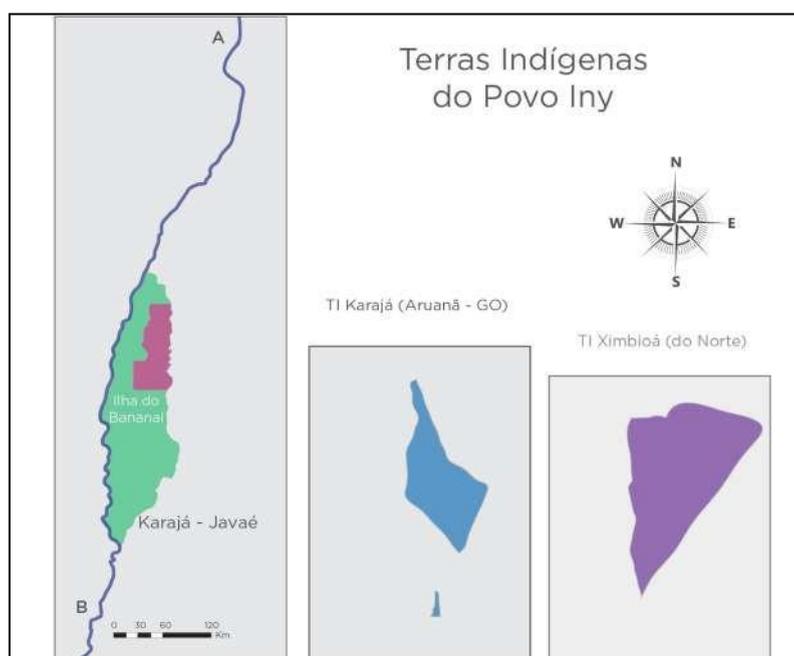
As ideias de afirmação da identidade própria e conquista do território, também foi pauta de luta em 88 para os tocantinenses, que assim como os povos indígenas que estavam conquistando seus direitos, conseguiram a separação do estado de Goiás e a criação do Estado do Tocantins, local onde centra o nosso foco de análise. Segundo o Distrito Sanitário Especial Indígena do Tocantins (DSEI/TO, 2020) o Estado possui uma população de mais de 12 mil indígenas formada pelos povos Apinajé, Avá - Canoeiros, Akwê - Xerente, Iny -Javaé, Iny - Karajá, Iny - Xambioá, Krahô, Krahô - Kanela e Pankarary. Essa pluralidade étnica do Tocantins se dá pelo fato do Estado se figurar na região Norte do Brasil, fazendo divisa com 6 Estados de 3 regiões diferentes, sendo eles Maranhão, Pará, Goiás, Piauí, Bahia e Mato Grosso.

Entre os povos indígenas que habitam o Tocantins, essa pesquisa busca se voltar ao

povo Iny, que se divide em 23 aldeias entre os Estados do Mato Grosso, Goiás e Tocantins, centralizaremos nossas análises no Tocantins, onde o povo Iny se divide em 3 grupos já supracitados. Devido as minhas aproximações dos últimos anos e contatos nas redes sociais, que se tornou o meu novo campo de pesquisa com a chegada da pandemia, me voltarei mais especificamente aos Iny - Karajá buscando compreender os aspectos culturais e históricos do povo, para explicar as atuações das mulheres Iny -Karajá nos dias atuais.

Habitantes da região da Ilha do Bananal a maior ilha fluvial do mundo, o povo Iny - Karajá vivem tradicionalmente as margens do Rio Araguaia chamado na língua nativa de Berohoky, que em português significa “Rio Grande”, o rio representa o principal eixo de orientação espacial e cosmológica do povo Iny.

Figura 2 - Terras Indígenas do Povo Iny



Fonte: Adaptado de COSTA 2013

Essa característica marcante de vivência em torno das águas, segundo Jijuké Karajá (2019) fez com que os Bandeirantes e Jesuítas os *Tori* (brancos, não indígenas) que tiveram os primeiros contatos com os povos indígenas do Tocantins, nas expedições de entrada para o Brasil central, chamassem os Iny dessa região de Karajá que significa “Povo que vem da água”, apesar de serem conhecidos pelo nome dado por aqueles que vieram explorar seus territórios e os catequizar, esses se autodenominam Iny que significa em português “gente” ou “nós”, por essa razão farei referência aos mesmo neste trabalho como se autodenominam.

Muito antes da chegada dos Bandeirantes pelas terras do alto do Araguaia, o povo Iny karajá já cultuava mitos de origem, inicialmente o povo Iny vivia embaixo da água, como conta Jijukè Karajá:

Na cosmologia Iny, acreditamos que nossa origem é o fundo do rio, o berahatxi onde os seres eram imortais, imunes às doenças, ao frio e à fome. Um dia, um dos homens saiu para a superfície e, gostando do mundo lá fora, chamou os demais para saírem. Kuboi, porém, chefe do povo do fundo das águas, não conseguiu sair para o mundo da superfície porque sua barriga era muito grande. Tentaram voltar, mas a passagem estava fechada e guardada por uma grande cobra, por ordem de Kuboi. Resolveram então se espalhar pelo Araguaia, rio acima e rio abaixo. (KARAJÁ, 2019, p. 16).

Após não conseguir voltar pro fundo das águas, o mundo Iny ficou dividido em três camadas, a do fundo do rio, a da superfície as margens do rio e a da chuva onde vivem os xamãs, esses são responsáveis pela comunicação com os espíritos e com as camadas entre os mundos.

Os Iny são falantes do idioma Inyribé, que já explicado o significado de Iny, explicarei o de Ribé que significa em português “palavra”, “língua” esse idioma faz parte do tronco linguístico Macro-Jê, o InyRibé tem algumas especificidades que precisamos compreender e que é central para entender alguns aspectos simbólicos entre feminino e masculino presentes na pronúncia da língua, como descreve Eduardo Soares Nunes

Essa língua apresenta uma diferenciação da fala segundo o sexo do falante, geralmente caracterizada pela queda, na variante masculina, de uma consoante (majoritariamente a oclusiva velar surda /k/), localizada entre duas vogais ou no início de palavras da fala feminina. (NUNES, 2016, p. 5).

No que se trata da organização social dos Iny, precisamos inicialmente entender mais sobre a cosmologia do povo, que norteia seus modos de vida, nos relatos de Jijuké Karajá (2019) o povo tem sua origem do fundo do rio, os Iny viviam nas profundezas das águas e eram imortais, até que um homem resolve sair para ver a terra e não consegue mais retornar, por mando do homem chamado Kuboi, que não conseguiu sair junto para a terra, Kuboi fecha a passagem entre os mundos e com isso os Iny que ficaram na superfície tiveram que se espalharam pelas margens do Rio Araguaia, após essa separação os Iny acreditam que o universo possui três camadas

Concebemos o universo como formado por três camadas: um mundo subaquático de onde surgimos e onde habitam os Idijasós (entidades protetoras e antepassados míticos); o mundo terrestre, visível a qualquer um e morada dos atuais Iny; e o mundo das chuvas, onde moram entidades poderosas e destino das almas dos xamãs. (KARAJÁ, 2019, p. 16).

Sobre a forma de compreender o mundo Iny, nos voltamos então para algumas considerações sobre a cosmologia, feitas por Isabelle Stengers (2018), segundo a autora existem multiversos e em algumas sociedades o conceito de poder, tal como concebido na modernidade, nem mesmo existe, como é o caso de muitos povos indígenas, e é aí que trabalhamos a cosmopolítica

“O cosmos, tal qual ele figura nesse termo, cosmopolítico, designa o desconhecido que constitui esses mundos múltiplos, divergentes, articulações das quais eles poderiam se tornar capazes, contra a tentação de uma paz que se pretenderia final, ecumênica, no sentido de que uma transcendência teria o poder de requerer daquele que é divergente que se reconheça como uma expressão apenas particular do que constitui o ponto de convergência de todos.” (STENGERS, 2018, P. 447).

O universo Iny possui três mundos habitados, o que refuta a visão de mundo Ocidental de um universo composto de um único mundo habitado e digno de ser considerado. Mas precisamos entrar no mundo Iny com a ideia de que existem multiversos, múltiplas visões e crenças sobre o universo. Como é o caso da mitologia Iny - Karajá, por isso nossas análises aqui para entender os modos de vida desse povo partem dessa premissa.

Os Iny - Karajá habitam as margens do Rio Araguaia, mas seu território é amplo, assim na divisão social são divididos em aldeias, cada aldeia tem seu espaço e o local em comum compartilhado é o rio, isso por que as atividades de pesca e rituais que fazem parte da vida dos Iny, já que a base de trabalho e alimentação do povo como afirma a autora giram em torno dos ciclos do Rio (KARAJÁ, 2019). A ativista indígena do povo Iny Karajá Narubia Werreria, uma das mulheres que essa pesquisa acompanha, marca qual seria, na sua visão, a principal diferença na organização social e modos de vida do povo Iny em relação aos outros povos indígenas que habitam o Tocantins:

NW - Somos muito diferentes, desde as características físicas, linguística, artísticas. Mas quando falo dessa diferença gosto de ressaltar uma, a cosmologia conta que somos do fundo do Berohoky (Araguaia), nossas casas são todas voltadas para o Berohoky, em linha reta e não em círculo como a maioria dos povos indígenas Jê, nossa principal alimentação faz do Berohoky uma casa. Então meu povo é de água, e isso faz toda diferença, enquanto outros povos são de caça, nós somos de pesca, enquanto outros são de terra, ou do sol, nós somos água. Somos mais calmos, como a água, conhecidos por nossa diplomacia e luta política. (WERREIA & CLETO, 2018, p. 33).

Tradicionalmente, a complexa organização social Iny "Karajá" é dividida por clãs e

aldeias, organizada nas esferas internas pela separação das funções por gênero, com “o que é função dos homens” e “o que é função das mulheres”, aos homens são de responsabilidades atividades ligadas à pesca, caça e assuntos políticos, as mulheres são atribuídas as funções de criação dos filhos educação, produções artísticas como as pinturas, pelo preparo de alimento e outras.

O povo Iny Karajá tradicionalmente estabelece relações monogâmicas, em sua organização social os Iny são matriarcais, isso por causa do que podemos definir em termos antropológicos por matrilocidade. Quando duas pessoas Iny se casam, um homem e uma mulher, o homem passa a morar na casa da sua sogra, como explica Nunes (2016), na maioria das vezes os homens são escolhidos como Caciques, liderança política da aldeia, esse que faz a frente das discursos e decisões políticas no que é chamado de Casa de Aruanã (Casa dos Homens) neste local também é onde se manifestam os Xamãs, espíritos sagrados para o povo, mas o prestígio social dos homens Iny com o tempo vai decaindo

Assim, a mulher mais velha assume um papel central na unidade doméstica, enquanto o homem, com a idade, vai perdendo o prestígio político na praça dos homens, mas se tornando, em compensação, referência de poder espiritual, normalmente exercendo atividades xamanísticas.(KARAJÁ, 2019, p. 20).

Por isso se torna comum o equívoco cometido pelos que não conhecem de fato a cultura do povo Iny, supor que os homens centram a estrutura social, além das mulheres na maturidade da vida. As mulheres exercem o papel social de serem portadoras dos saberes das dinâmicas domésticas, elas ao longo da vida são responsáveis pelas pinturas corporais, traço marcante do povo Iny, que tem em seu grafismo figuras que imitam formas geométricas, esse grafismo também é parte importante da organização social, cada ritual, cada aldeia, tem a pintura e seus grafismos, que trazem os seus significados e símbolos:

“O sentido coletivo da arte indígena e popular provém tanto do fato de não ser uma criação individual, como entende a norma culta das sociedades ocidentais, quanto por ser a expressão gráfica de fantasia mítica, tradicionalmente transmitida de forma verbal.” (VIDAL, 2000, p. 39).

Gostaria de ressaltar que a cosmologia e fatos históricos contados até aqui acerca do povo Iny - Karajá tratam de aspectos que são tradicionais na cultura, sabemos que com o passar dos séculos, assim como toda a sociedade brasileira os povos indígenas foram se modificando, estando cada vez mais nas zonas urbanas e modificando suas culturas e costumes.

Precisamos romper com a ideia de que os povos originários do Brasil são “primitivos”. Existem ainda muitos estigmas e estereótipos, por parte da população brasileira que não consegue aceitar e buscar informações para saber que os povos indígenas não são povos do

passado, hoje pessoas indígenas, assim como qualquer pessoa não indígena, têm acesso às tecnologias, aos espaços de conhecimento (como as universidades) e aos espaços de poder, como afirma José Ribamar Bessa Freire

o brasileiro pode usar coisas produzidas por outros povos - computador, telefone, televisão, relógio, rádio, aparelho de som, luz elétrica, água encanada - e nem por isso deixa de ser brasileiro. Mas o índio, se desejar fazer o mesmo, deixa de ser índio? É isso? Quer dizer, nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa: o direito de entrar em contato com outras culturas e de, como consequência desse contato, mudar (FREIRE, 2000, p. 12-13).

Embora seja um fato a ser comemorado de que o povo Iny - Karajá, esteja cada vez conseguindo espaços, a vivência com os não indígenas ainda é marcada por uma série de violências, quando ideias equivocadas se transformam em ações contra os povos indígenas, fica mais visível enxergamos o preconceito enraizado.

O que existe é um imaginário do ideal de “índio” , e na cabeça dessas pessoas, o “índio autêntico” é o índio de papel da carta do Caminha, não aquele índio de carne e osso que convive conosco, que está hoje no meio de nós.”(FREIRE, 2000, p. 13), quando essa imagem é contrariada que vem a violência, o povo Iny - Karajá já sente os impactos de acessar cada vez mais os lugares na sociedade, quanto mais estão dispostos mais sofrem violências. Entre os jovens Iny, destaca Jijuké Karajá (2019), que nas últimas décadas, vem ocorrendo um fenômeno infeliz de inúmeros casos de suicídio nas aldeias Iny - Karajá que pode ser explicado pelo isolamento profundo provocado pelo preconceito dos não indígenas e as relações de parentesco. Importante abordar o fato do suicídio nessa pesquisa, embora não seja o foco, em decorrência dos anos que centram as análises (2020 – 2021). No início de 2020 e a chegada da COVID - 19, povos indígenas tiveram que fechar completamente seus territórios.

O isolamento e a falta de alguns recursos sanitários essenciais, fez com que começasse a tomar forma o que chamarei nesse trabalho de uma *Rede de Resistência* e apoio entre as mulheres indígenas Karajá nas redes sociais, mais especificamente no Instagram.

Muitas mulheres Iny karajá antes desses acontecimentos já estavam se articulando e movimentando as redes sociais, mostrando principalmente seus trabalhos de produções artísticas, essa observação foi possível na comparação das publicações nos perfis do Instagram (2020-2021).

As mulheres que encontrei nas redes sociais faziam um trabalho de divulgação da cultura Iny Karajá, para que o público não indígena conhecesse a cultura e partir disso se tornasse colaborador comprando as suas artes, entre o que é comercializado nos perfis das mulheres destacamos a Boneca Ritxoko, uma fonte de renda para muitas mulheres dentro e fora das

aldeias atualmente.

2.1 As bonecas Ritxoko

Motivo de grande interesse dos turistas que visitam as aldeias Iny Karajá, de modo especial nas temporadas de praias do rio Araguaia (junho, agosto e setembro), as bonecas Iny karajá que na língua nativa são chamadas de ritxòkò (na ala feminina) e/ou ritxòdò (na ala masculina), é uma atividade exclusiva das mulheres e envolve técnicas e modos de fazer considerados tradicionais e são transmitidos de geração em geração, atualmente mais que um meio de subsistência para o povo Iny, as bonecas tornando-se a produção artística que mostra a cultura Iny para o mundo.

Existem registros da existência da fabricação dessas bonecas por volta de 1940, nessa época eram produzidas pelas mulheres Iny com os restos de cera de abelha e outras matérias-primas que sobravam da fabricação de cerâmicas e utensílios domésticos, as Ritxoko mediam cerca de 5 cm e eram usadas pelas as crianças em brincadeiras

Antigamente utilizava-se como matéria-prima a cera de abelha, atualmente utiliza-se o barro que é misturado com a cinza da queima do tronco de uma árvore denominada mawysidé. Após a produção dessas bonecas, elas secam por três dias, depois passam pelo processo de queima duas vezes e aguardam mais um dia para serem pintadas. Para a pintura utiliza-se o urucum, tinta extraída do fruto do jenipapo misturado com fuligem de carvão. (KARAJÀ, 2019, p. 24).

Com a aproximação cada vez maior com os não indígenas, por volta do final do Século XX, os modos de fazer a boneca Ritxoko foi se modificando, o grande interesse dos *Tori* (brancos), em adquirir as bonecas fez com que as mulheres Iny passassem a utilizar argila, por ser mais fácil de manusear e de criar formas, antes sem muitas formas humanas as bonecas não tinham braços e nem muitas expressões, o interesse dos não indígenas em adquirir a arte Iny, fez com que a boneca Ritxoko adquirisse cada vez mais aspectos da cultura e da representação de uma mulher Iny.

Assim, mais do que objetos meramente lúdicos, as bonecas passaram a ser expressões artístico- culturais levando os significados sociais profundos, reproduzindo o ordenamento sociocultural e familiar dos Iny para além do território das aldeias.

No ano de 2012, o IPHAN – Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional, passou a reconhecer as bonecas de cerâmica do povo Iny, as ritxoko, como patrimônio cultural imaterial brasileiro, essa visibilidade foi possível após pesquisadores da área da antropologia

apresentarem pesquisas que documentam a importância da boneca para a manutenção da cultura Iny “ É muito comum encontrar as Ritxoko em lojas de artesanato ou nos museus das pequenas cidades próximas das aldeias, podendo ser encontradas também no Museu Antropológico da UFG.” (KARAJÁ, 2019).

Figura 3 - Boneca Ritxoko: Aldeia Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal/TO



Fonte: Universidade Federal de Goiás - Museu Antropológico “Bonecas Karajá: Arte, memória e identidade indígena no Araguaia”, Goiás, 2011. Foto por Manuel Ferreira Lima Filho, julho de 2009.

Mesmo que a produção das bonecas nos últimos anos tenha se tornado uma atividade comercial, ao ser repassado o saber fazer das bonecas das mulheres mais velhas Iny para as mais novas essas recebem ensinamentos, aprendem as técnicas e saberes associados à sua cultura nesse processo. Por representarem cenas do cotidiano e dos ciclos rituais, elas portam e articulam sistemas de significação da cultura e, dessa forma, são lócus de produção e comunicação dos seus valores.

No contexto de confecção das ritxoko existe sempre uma ceramista modelando uma figura e contando histórias do tempo antigo, lembrando as conquistas dos heróis fundadores, os conflitos com outros grupos étnicos e os mitos que constroem a identidade do grupo. Por isso, elas dizem que fazem bonecas para ensinar às crianças e aos jovens as histórias do povo Iny, para eles aprenderem a ser Iny. (COMUNIDADES INY KARAJÁ, 2019, p. 119).

Essa atividade própria das mulheres Iny, consegue nos fazer perceber a importância das mulheres dentro e fora das aldeias, elas são porta vozes da cultura e universo Iny

“Poderíamos dizer que o cosmos é um operador de colocação em igualdade , sob a condição de dissociar radicalmente entre colocação em igualdade e colocação em equivalência que implica uma medida comum, implicando a intercambialidade de posições” (STENGERS, 2018). Na tradição o povo Iny fazia rituais e festas quando um homem e uma mulher se uniam, atualmente com a perda das tradições o que ainda se mantém é que quando um homem e uma mulher Iny se unem em matrimônio, o homem passa a morar na casa da mãe de sua mulher, isso porque a mais velha da família que será Avó dos filhos que o casal poderá ter, será a responsável por repassar a cultura e passa a ser quase que uma responsável direta pela criação das crianças, contando histórias, ensinando os rituais, os grafismos, as artes Iny e o saber fazer da Boneca Ritxoko, então conseguimos perceber neste processo a configuração matriarcal do povo Iny, e a Boneca sendo uma expressão dessa matrilinearidade.

O contato com as bonecas e outras artes produzidas pelos Iny começa desde cedo para as crianças, é bem comum mães ou avós presentear suas crianças, com cestas produzidas por elas mesmas contendo bonecas Ritxoko, braceletes, colares e outros... “O povo Iny confecciona, com maestria, uma larga variedade de cestas, além da esteira de grandes dimensões usada tanto em cerimônias quanto no seu dia a dia” (COMUNIDADES INY KARAJÁ, 2019).

As ceramistas mestras que dominam a arte de fazer as bonecas e as decoram com seus conhecimentos especializados das matérias primas, fazendo dos pigmentos e dos padrões gráficos, além de habilidades artísticas, o que resulta em traços e desenhos mais ou menos perfeitos. Sem a pintura, as simples formas modeladas já são suficientes para uma identificação prévia das figuras representadas, isso porque as bonecas buscam retratar as mulheres em seu sagrado, produzindo cerâmicas, cuidando dos filhos da casa e dos homens.

Tudo o que é produzido pelas mulheres, busca retratar a cosmologia Iny, por precisamos pensar na ideia de *coletividade* na produção artística, o conjunto de hábitos, costumes e interesses forma a comunidade, assim mesmo que a produção seja individual “O sentido coletivo da arte indígena e popular provém tanto do fato de não ser uma criação individual, como entende a norma culta das sociedades ocidentais, quanto por ser a expressão gráfica de fantasia mítica, tradicionalmente transmitida de forma verbal.” (LUX VIDAL, 2000).

A produção artística Iny e principalmente as bonecas vem trazendo mais autonomia financeira para as mulheres dentro das aldeias, já que a venda dos artefatos e o turismo fazem com que as Iny se tornem as principais provedoras financeiras de suas famílias, o que proporcionou ainda que muitas mulheres pudessem sair de suas aldeias, para investir nos

estudos e procurar outros meios de subsistência em empregos nas cidades aos arredores da Ilha do Bananal.

Essa saída para buscar outros meios de vida, se dá pelo fato que atualmente o povo Iny vive no geral da agricultura e criação de alguns animais, pesca e caça. A presença dos não indígenas e sua aproximação com as margens da Ilha fez com que cada vez mais mulheres e homens buscassem empregos nas cidades vizinhas como Formoso do Araguaia e Lagoa da Confusão.

A Escola Indígena dentro das aldeias, tornou-se um fator para que homens e mulheres Iny buscassem as Universidades, no geral pelo que observei em pesquisa de campo na Aldeia Horotory Awá, as mulheres saem mais em busca das universidades, essas conseguem vender as bonecas Ritxoko pelas redes sociais, e nos espaços urbanos que vão ocupando, além de dominar arte do saber fazer da boneca, se tornaram porta vozes da cultura para o mundo.

3 MULHERES INDÍGENAS CONTRA O ESTADO

O estudo de gênero, ele é diverso, como aponta Marilyn Strathern (2006), atualmente a categoria gênero é trabalhada juntamente com outras perspectivas como o feminismo, mas ao tratarmos de mulheres indígenas e de sociedades tradicionais, para Strathern o gênero antes de tudo é um operador de diferenças dentro das sociedades. Assim, em muitas sociedades o simbolismo sexual serve como metáfora para organização da vida e das ideias que pairam sobre a sociedade e para além de uma questão de poder, gênero também pode ser misticismo, a pluralidade do conceito deve ser trabalhada, saindo da esfera comum de entendimento.

No início da minha jornada na antropologia e nos estudos de sociedades indígenas, eu buscava queria investigar as mulheres indígenas partindo apenas das Teorias Políticas feministas existentes, mas eu não estava atenta para o fato de que existe ainda pouquíssima literatura escrita por povos indígenas e por mulheres indígenas, o debate feminista nem sempre chega as mulheres indígenas, e é ainda mais complicado chegar nas mulheres Iny Karajá que vivem nas aldeias por se situarem longe dos centros de debate, outro fator que temos que respeitar ao estudar sociedades tradicionais é a cultura local, no caso as hierarquias de gênero presentes no contexto da aldeia. O que apontou uma nova forma de debater o conceito de poder:

Até o presente e sob alguns aspectos, a etnologia deixou as culturas primitivas girarem em torno da civilização ocidental e, poder-se-ia dizer, em um movimento centrípeto. Que uma mudança completa de perspectivas seja necessária (na medida em que se tenha realmente de enunciar sobre as sociedades arcaicas um discurso adequado a seu ser e não ao ser da nossa) é o que nos parece demonstrar com riqueza a antropologia política (CLASTRES, 2003, p. 44)

Para entendermos as questões de gênero entre as mulheres que essa pesquisa busca investigar, precisamos inicialmente compreender o cenário político em que as mesmas estão inseridas, por isso esta pesquisa terá cunho Qualitativo, buscamos observar os aspectos da vida das mulheres Iny Karajá, e a subjetividade que é construída através de teorias e questionamentos compilados, sendo a interpretação e compreensão das informações como o principal foco, uma vez que estas não podem e não devem ser traduzidas por números.(MINAYO, 2002).

Outro recurso utilizado é a Revisão Bibliográfica, onde buscamos utilizar bibliografias produzidas por mulheres Iny como a supracitada neste trabalho Jijuké Karajá, revisando assim

documentos que tratam de aspectos culturais e históricos do povo Iny karajá, e ainda autores e autoras da área da antropologia que estudam povos indígenas e relações de poder, como Manuela Carneiro da Cunha, Pierre de Clastres, Isabelle Stengers, Marilyn Strathern e Rita Segato.

A pesquisa de campo baseada na observação participante, foi fundamental neste trabalho, segundo Malinowski (1976) este tipo de trabalho exige que o pesquisador participe do ambiente social que está sendo estudado, mesmo em contexto de pandemia, as formas encontradas neste trabalho de realizar esse contato foi através das redes sociais e de uma breve pesquisa de campo realizada em março de 2022 (após as vacinas contra a COVID - 19 serem amplamente aplicadas).

Todos esses processos metodológicos resultaram na etnografia que aqui apresentamos, esse tipo de trabalho aqui é essencial para que pudéssemos obter um conhecimento mais denso possível sobre o povo Iny Karajá e sua cultura, como pontua Clifford Geertz:

“Em antropologia ou, de qualquer forma, em antropologia social, o que os praticantes fazem é a etnografia. E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento. Devemos frisar, no entanto, que essa não é uma questão de métodos. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para essa “descrição densa” em um período pandêmico, foi usado ainda o recurso da netnografia que é uma modalidade de pesquisa existente dentro da etnografia, da qual utilizamos durante a pesquisa realizada na Rede Social Instagram. A netnografia (*nethnography=net+ethnography*), segundo (Santos & Gomes, 2013), aparece com a necessidade dos pesquisadores em trazer o mundo *on-line* para seus trabalhos, consistindo no método que predominantemente usa das mídias sociais para análises. Sendo detalhados os nossos percursos metodológicos, seguimos as análises das políticas de mulheres nos últimos anos...

O Brasil na última década passou por momentos de instabilidade no seu sistema político, com o impeachment de uma Presidenta democraticamente eleita no ano de 2015 e a ascensão de um Vice - Presidente de um partido de direita no ano de 2016, o país começou a caminhar novamente pelas vias do conservadorismo.

A onda conservadora se concretizou no ano de 2018, quando foi eleito a Presidente da República um político do Rio de Janeiro que ocupou o cargo de Deputado Estadual por vários mandatos através de um partido de extrema direita, conhecido por suas falas e atitudes polêmicas contra mulheres, pessoas Lésbicas, Gays, Bixessuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais e mais (LGBTQIA+), e ainda pessoas negras e indígenas.

Nesse cenário começou a emergir no país uma grande articulação de mulheres de todos os grupos sociais pela defesa de seus direitos e contra o Presidente eleito em 2018, o movimento foi às ruas no que ficou conhecido como “Ele Não”.

Surge então um novo movimento político de mulheres no Brasil, contra o Estado Conservador que marchava ao poder naquele ano e vem junto com esse movimento uma ânsia por espaço político, essas mulheres que começaram a se articular se mostraram diversas, grupos de mulheres indígenas começaram a se formar e tomar força com a candidatura a Vice - Presidência da República pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) de Sônia Bone Guajajara, mulher indígena do povo Guajajara localizados na Terra Indígena Arariboia no Estado do Maranhão.

Mais do que uma candidatura a Vice - Presidência Sônia Guajajara é a representação do que vamos chamar neste trabalho de *políticas contra o Estado*, formada em enfermagem e ativista das causas indígenas no ano em que aceitou enfrentar a política vigente no país que exclui pessoas indígenas dos grandes cargos políticos Sônia Guajajara declarou que “ Me preparei para o pior, para a discriminação. Mas a campanha foi bonita” (EL PAÍS, 2018).

O receio de Sônia e de tantas outras mulheres indígenas ao entrar na política é resultado dos estigmas e preconceitos forjados ao longo dos anos em nosso país, a história dos povos indígenas do Brasil que conhecemos, foi criada por aqueles que visavam se aproveitar ou minimizar a importância dos povos tradicionais. Segundo Manuela Carneiro da Cunha (2009), o pensamento indigenista, que temos, é uma construção histórica que começou a ser construída desde o primeiro contato dos portugueses com os povos indígenas, e assim seguiu pelos que ascenderam sobre o território brasileiro que no geral “eram pelos que os regiam - políticos, administradores ou missionários-”(CUNHA, 2009, p.12).

Figura 4 - Sônia Bone Guajajara



Fonte: Site Oficial da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB)

Além de apontar o caminho para a tomada de cargos políticos por mulheres indígenas, Sônia Guajajara ocupou as redes sociais, seguindo o perfil da mesma nas redes e acompanhando sua luta, foi possível conhecer outras mulheres que também estão na luta pelos povos indígenas se articulando aqui no Tocantins.

Entre os anos de 2020 e 2021, onde minhas pesquisas já centravam em estudar mulheres indígenas passei a fazer uma grande busca nas redes sociais, utilizando os nomes dos povos indígenas que habitam o Tocantins, na época estava a procura de mulheres Akwe Xerente onde inicialmente eu tinha o objetivo de desenvolver esse trabalho, mas em minhas buscas foi notável a presença de muitas mulheres Iny Karajá ocupando as redes e se articulando, essas estavam mais próximas para um contato e foram um caminho para investigar a atuação política de mulheres indígenas tocantinenses.

As mulheres Iny Karajá que encontrei nas redes estavam desenvolvendo diversas atividades, em sua maioria usam o instagram para usos pessoais de divulgação de fotos e cotidiano, algumas vivem nas aldeias outras já estão nas cidades, nas universidades e nos mais diversos espaços. Ao adentrar nesses espaços essas mulheres estão produzindo políticas contra o Estado, como anuncia Clastres (2003), se colocar em espaços que foram tomados e

negados por muito tempo aos povos indígenas é romper com a política vigente, por isso nos interessa aqui essas *contra narrativas*:

“(...) agora trata-se de compreender as contra-narrativas indígenas, entendidas aqui como uma forma de insurgência a essa cascata de imagens negativas coladas aos povos indígenas nesses quinhentos e vinte anos de colonização. Assim, trata-se de dar um passo além na análise e se voltar não para o que os brancos falam (negativamente) e pensam (fantasiosamente) sobre os indígenas, mas compreender e ouvir o que os indígenas pensam e falam sobre e para os brancos.” (DEMARCHI, 2020, p. 66).

Entre tantas mulheres Iny encontradas nas redes sociais, resolvi voltar o meu olhar para as que estavam dentro de algum movimento ou articulação política assim cheguei até as redes sociais de Narubia Werreria, Rafaella Coxini e Hawalari Coxini, ambas mulheres Iny Karajá e é a partir das análises das redes sociais dessas mulheres e entrevista realizada (Apêndice A), que vamos buscar entender as diversas contra narrativas presentes nos discursos encontrados no Instagram e outras mídias que trazem informações produzidas por essas mulheres.

Narubia Werreria é uma mulher indígena do povo Iny Karajá do Tocantins, estudante de Direito na UFT, além disso é artista visual, cantora, compositora, poeta e ativista no Instituto Indígena do Tocantins (INDTINS), instituto do qual ajudou a fundar para representar e defender os direitos dos povos Indígenas do Tocantins.

Narubia sempre viveu entre o território urbano e das aldeias, em decorrência do trabalho de seu pai João Werreria, que é um geógrafo e líder Karajá influente que já trabalhou na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), então ela viveu entre as aldeias da região da Ilha do Bananal em que seu pai trabalhava.

Através das redes sociais começou a ganhar notoriedade da mídia local tocantinense, quando no de 2014 travou uma campanha de alerta sobre o Suicídio no povo Iny, naquele ano cerca 8 pessoas se suicidaram nos territórios indígenas da Ilha do Bananal, entre eles uma irmã de Narubia, foi então que a ativista começou então a seguir os passos de seu pai João na luta pelos Direitos dos povos indígenas do Tocantins.

Figura 5 - Narubia Werreria



Fonte: Reprodução do Instagram de Narubia Werreria, 2021.

Ainda em 2014 ela realizou um ato político que ganhou visibilidade nacional ela escreveu uma petição chamada “Presidente do Brasil, Dilma Rousseff: Salvem os jovens Iny (Karajá e Javaé) do suicídio.” Além disso, para lidar com a questão do suicídio, ela desenvolveu um projeto junto a uma equipe multidisciplinar universitária para pesquisar sobre saúde mental entre os Iny.

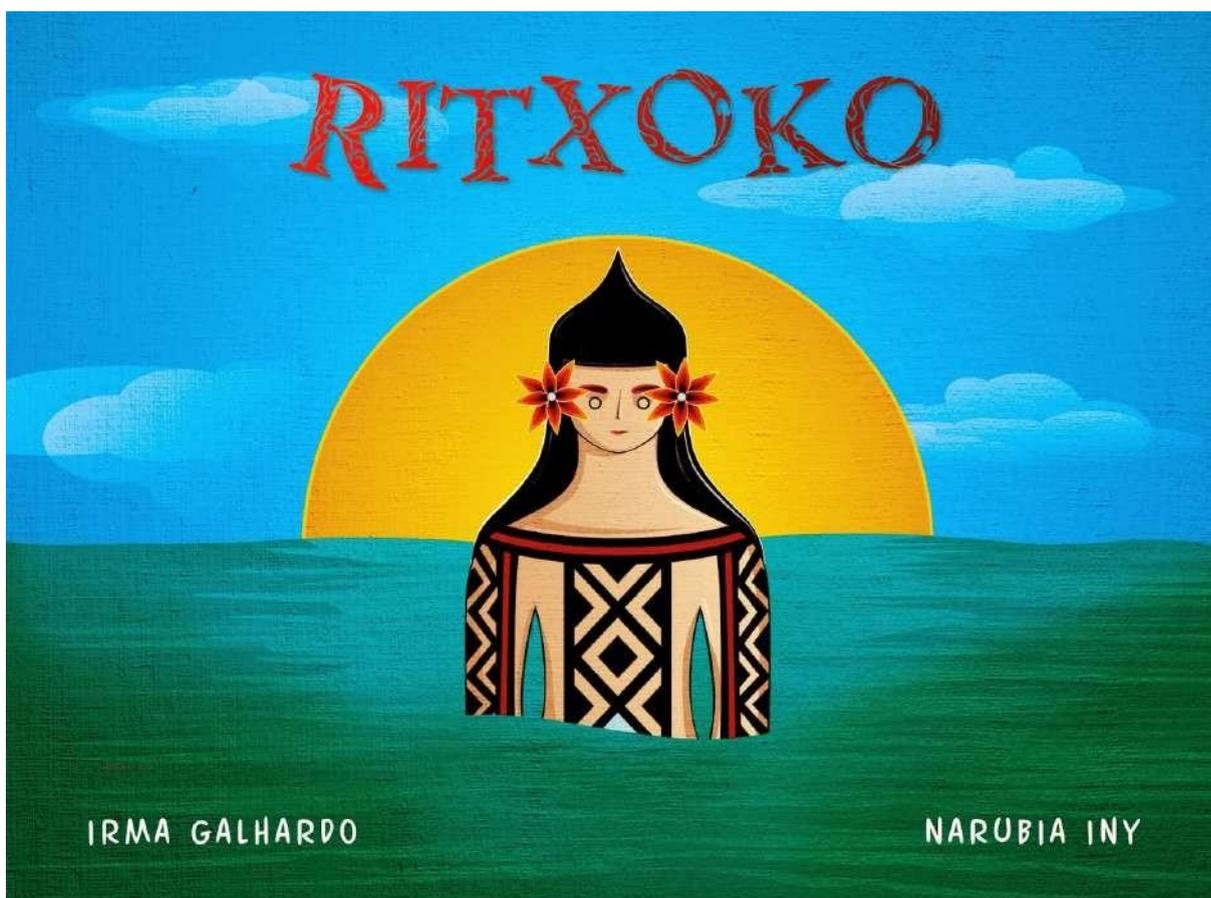
Depois de ganhar repercussão nas mídias, Narubia teve espaço para mostrar sua arte que também faz parte de seu ativismo, chegando como observa-se em suas primeiras publicações no Instagram a participar de exposições da Boneca Ritxoko por vários estados do país. Disso surgiu um livro infantil produzido por Narubia e Irma Galhardo, chamado “Ritxoko” o livro foi um sucesso, levando Narubia a participar do Salão Internacional de Genebra e Berlim.

Na descrição do livro que foi totalmente ilustrado por Narubia, encontramos como através de sua arte Narubia consegue expressar sua cultura e assim dá visibilidade ao seu povo:

“As bonecas são feitas exclusivamente por mulheres e têm caráter pedagógico, pois, ao invés de ensinar, a mãe presentearia à filha criança com uma família de bonecas, que representa as atividades da vida doméstica. As bonecas são utilizadas para repassar valores morais, cosmológicos (...)” (GALHARDO, 2013).

Como pesquisadora conheci Narubia no ano de 2019, em um seminário de Ações Afirmativas da UFT - Campus de Porto Nacional, na época estava a escrever meu primeiro projeto de pesquisa sobre mulheres indígenas e fiz um relatório sobre sua palestra naquele dia, deste relatório e das falas muito fortes que ouvi naquele dia passei a seguir Narubia nas redes sociais.

Figura 6 - Livro Infantil ilustrado por Narubia Werreia “Ritxoko”



Fonte: “Ritxoko” de Irma Galhardo e ilustrações de Narubia Iny, 2013.

A chegada da pandemia fez com que eu observasse cada vez mais postagens de Narubia, meu interesse em seguir com minhas pesquisas sobre mulheres indígenas do Tocantins fez com que eu começasse a ver suas *lives* e *stories*, reconhecendo então que ela assumiu um papel de liderança na pandemia denunciando irregularidades do governo quanto a questão sanitária frente a COVID - 19, chamando os parentes para se vacinar e ainda fazendo um debate sobre a mulher indígena nos espaços de poder, assim como comecei a notar essas atuações outras pessoas também notaram fazendo com que o Instagram de Narubia crescesse.

Foi através dela que essa pesquisa foi tomando forma, assim encontrei outras mulheres e seus perfis

Durante o contato feito nas redes sociais com Narubia, a informei sobre o trabalho e busquei durante alguns meses uma entrevista, mas suas agendas sempre fora do Estado, já que a mesma é uma liderança política requisitada, não possibilitou que tivéssemos uma conversa mais centrada nos assuntos desse trabalho.

Nos voltando agora a narrativa de **Rafaella Coxini**, o que ela relata em entrevista (Apêndice A) é que ela é uma mulher indígena do Povo Iny Karajá do Tocantins, e assim como Narubia também teve um pai que trabalhou na FUNAI por muitos anos, seu pai Daniel Coxini Karajá, que também foi Cacique da Aldeia Fontoura de onde sua família se origina, mas Rafaella foi criada na cidade de Brasília - DF, por sua mãe e pai, junto com seus irmãos, frequentando a Aldeia quando nos rituais e nos compromissos de seu pai.

Rafaella estudou Direito na Faculdade Federal de Goiás (UFG), hoje é advogada, atuando como assessora jurídica junto a coordenação do Iny Mahadu, que é uma associação que representa as comunidades indígenas do Povo Karajá (Iny), pertencentes aos Estados de Goiás, Tocantins e Mato Grosso. Quando se tornou adulta e se formou, começou a atuar pelas causas do povo Iny estando cada vez mais presente na Aldeia Fontoura, começou então a fotografar suas idas ao território Iny, se capacitou e se tornou fotógrafa profissional, ocupação que divide junto com a carreira de advogada.

Durante a pandemia Rafaella juntamente com Jijuké Karajá, criaram um canal no Youtube chamado “Sob os olhares das mulheres indígenas”, que apresenta aspectos da vida, cultura, história, lutas e trajetórias de mulheres Iny Karajá, o conteúdo do canal é diverso desde de vídeos curtos explicativos sobre alguns aspectos culturais a vídeos mais longos resultados de lives com debates e palestrantes, o canal foi um dos responsáveis pelo meu encontro com Rafaella, em minhas buscas nas redes sociais.

Outra importante articulação realizada por Rafaella na pandemia, como ela relata em entrevista foi a criação da associação Iny Mahadu, a associação durante a pandemia foi fundamental para a subsistência de dezenas de mulheres indígenas Iny, pois segundo Rafaella ela viu ali uma oportunidade de divulgar e comercializar coletivamente bonecas Ritxoko produzidas nas aldeias Iny e outras artes produzidas.

Figura 7 - Rafaella Coxini



Fonte: Reprodução do Instagram de Rafaella Coxini, 2022.

Durante minhas observações recorrentemente via *stories* do Instagram, Rafaella postava que estava expondo as bonecas em algum espaço. Na entrevista perguntei se ela possuía a arte do saber fazer da boneca, mas ela me relatou que fica mais na parte de ajudar na exposição e comercialização, já que o aprendizado de se fazer da boneca acontece quando a mulher Iny Karajá ainda é criança, e Rafaella não passou por essa fase vivendo mais em cidades do que nas aldeias.

O ativismo de Rafaella Coxini se mostra, mais na esfera das aldeias estando mais em contato com as demandas internas do povo Iny karajá, o que Rita Segato (2021) chama de *mundo-aldeia*, atuando juridicamente pelo seu povo e nas instituições que buscam defender os direitos e organizar a vida do povo Iny quanto comunidade. Rafaella Coxini é irmã de Hawalari Coxini, a nossa terceira mulher indígena Iny Karajá que aqui será apresentada.

Hawalari Coxini é uma mulher indígena do povo Iny Karajá, seu pai também é Daniel Coxini, que como já foi supracitado foi um líder no povo Iny da Aldeia Fontoura da qual sua família pertence. Mais conhecida em suas redes sociais apenas como Coxini, Hawalari é estudante de Publicidade e Propaganda na UFG, ainda é dançarina e fotógrafa trabalhando muitas vezes em conjunto com sua irmã Rafaella. Logo na adolescência, Coxini

se viu como mulher trans, pois ao nascer lhe foi atribuído o masculino, mas sua identificação de gênero é feminina.

Transsexualidade não é algo muito debatido ainda nas bibliografias acerca de povos indígenas, por isso entre os anos de 2017 a 2021, foi produzido um curta - metragem por Coxini, Rafaella e outras pessoas Iny chamado de “Hawalari”, neste documentário Coxini é a protagonista, do curta de ficção que conversa com as origens e história de Goiás, através de um recorte de época, mais especificamente o final do século XIX.

Figura 8 - Hawalari Coxini



Fonte: Foto Divulgação do curta “Hawalari” de Cássio Domingos, 2021.

Voltado para o público LGBTQIA+, conta com a perspectiva da personagem Hawalari, jovem indígena do povo Iny, que se depara com a situação de sua transição de gênero que lhe causa um misto de sentimentos.

Trazer a narrativa dessas 3 mulheres é fundamental neste trabalho, pois estamos falando de mulheres contra o Estado, produzindo contra narrativas. o esforço aqui é buscar a visão do(a) indígena sobre si mesmo, demonstrando a importância que tem em ouvir daqueles que vivem a real cultura indígena, pois somente quem vive conseguem exprimir seus significados.

4 O INSTAGRAM E O ARTEVISMO DAS MULHERES INY KARAJÁ

Com a chegada da pandemia de COVID - 19 no Brasil e no mundo, o estado de quarentena se tornou parte da rotina humana, para que o contágio da doença fosse evitado, as tecnologias digitais foram uma das grandes ferramentas que utilizamos nesse período para de alguma forma seguir com trabalho, que passou para muitos a ser *home office* e através das redes sociais como Whatsapp, Instagram, Facebook e Tik Tok conseguimos manter de alguma forma nossas relações sociais com aqueles que não podíamos estar próximos.

Os povos indígenas também se utilizaram desse recurso para criar uma grande rede de apoio nesse período, surge então uma onda de *influencers digitais* indígenas e muitas mulheres, que viram na plataforma um espaço de fala e de poder, já que os discursos das indígenas são acessados por milhares de pessoas, no Brasil e no exterior, por meio da rede social Instagram que se figura como a quarta maior rede social do mundo, essa rede social foi durante a pandemia muito utilizado pelo seu recurso de *Lives, Reels e Stories*, que conseguem através de vídeos longos, médios ou curtos um grande alcance.

O Instagram é uma rede social de massa, seu alcance que fez com que essa plataforma fosse além do entretenimento para uma plataforma política:

“Em nossa sociedade, que conceituei como uma sociedade em rede, o poder é multidimensional e se organiza em torno de redes programadas em cada domínio da atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados. As redes de poder o exercem sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes multimídia de comunicação de massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder.” (CASTELLS, 2013, p. 16).

A produção artística voltada ao povo Iny, fez com que essas mulheres alcançassem visibilidade com suas pautas e demandas e ainda adquirissem no caso de Rafaella e Narubia, uma forma de liderança feminina no contexto das aldeias pertencentes, sendo Ciberativistas, da sua cultura dentro do Instagram. Ao adentrar nesse universo das redes, mulheres indígenas estão indo de frente contra o monopólio do poder de influência que existe dentro desse espaço como aponta (Castells, 2013).

Narubia em Live de abril de 2019 no seu perfil do instagram, declarou que se considera uma mulher indígena Artivista, pois ela usa a arte para lutar pelo seu povo e seus direitos,

porque segundo ela todos os lugares são lugares dos povos indígenas e que suas músicas anunciam uma revolução (Apêndice C)

Segundo Quesada (2019) ativismo (Arte + Ativismo) indígena, refere-se tanto às obras de arte que se envolvem politicamente com a representação indígena dentro da sociedade hegemônica brasileira como às suas lutas político-culturais.

Marco de entrada para o ativismo na vida dessas mulheres, seria a inserção as universidades públicas, caso das 3 mulheres pesquisadas, ambas acessaram os debates acadêmicos sobre as reivindicações indígenas, ao está articulado com um debate se torna mais fácil se familiarizar com os conceitos, e muitas vezes mesmo não se familiarizando acabam utilizando dos mesmos em suas lutas.

Quando Narubia Werreria posta em suas redes sociais aspectos da sua cultura (Figura 9) ela está se autoafirmando como mulher indígena e está produzindo um contrapoder dentro da rede social, pois não são esses corpos mostrados por Narubia o padrão da sociedade moderna.

Figura 9 - Ritual de Passagem de Menina Moça Myralú filha de Narubia



Fonte: Reprodução do Instagram de Narubia Werreria, 2022.

Narubia e Rafaella são mães, ambas de meninas, em seus perfis podemos observar que mesmo que suas estão sendo criadas, assim como elas nas cidades longe das aldeias, existe um esforço em repassar a cultura. Rafaella vai contra uma cultura moderna onde princesas e corpos padrões, são a visão do ideal para meninas na infância, o universo das princesas não inclui as meninas indígenas. A realização de um aniversário (Figura 10) onde o tema é a cultura Iny Karajá, com decoração de um cocar e bonecas Ritxoco a mesa, mostra a

resistência das mães indígenas em trazer uma representação de mulher que incluía as meninas Iny.

Figura 10 - Festa de aniversário da filha de Rafaella Coxini com tema “Princesinha Iny”



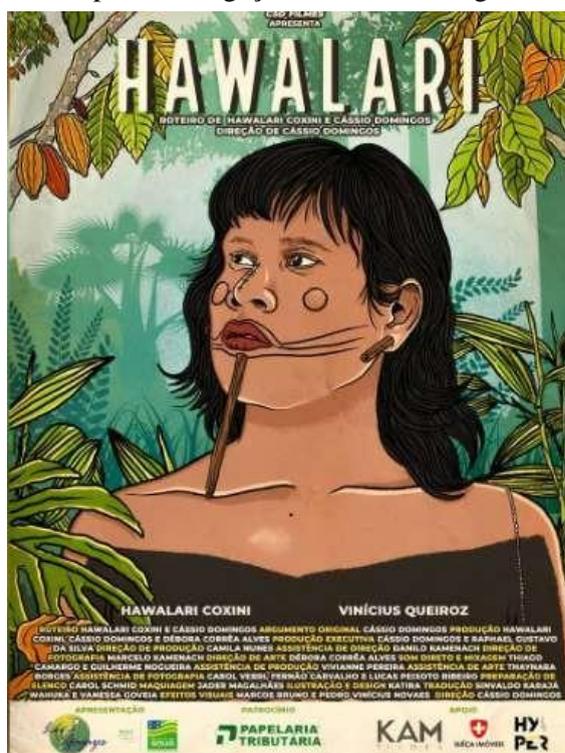
Fonte: Reprodução do Instagram de Rafaella Coxini, 2020.

Já no que diz respeito forma de se fazer ativismo de Hawalari, ela não está intrinsecamente ligada a uma articulação como sua irmã Rafaella, ou na liderança política assumida por Narubia no INDTINS, mas sim na resistência de se assumir como mulher trans indígena, em um país profundamente machista e patriarcal, sua resistência foi às telas dos cinemas com sua arte, o reconhecimento pelo seu trabalho foi tanto que lhe rendeu um Troféu Borboleta de Ouro em 2021, prêmio dado aos vencedores do Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo, mostrando a importância da sua arte no cinema nacional (Figura 11).

Apesar dessas 3 mulheres aqui apresentadas Narubia, Rafaella e Hawalari serem do mesmo povo e partilharem de trajetórias de vida parecidas, desde os caminhos dos seus pais, até a entrada na universidade, essas mulheres são diversas e possuem características únicas, na forma que acessaram a sua cultura e a reproduzem, quanto na forma que atuam em seus ativismos nas redes sociais.

Existem ainda outras características que podemos marcar sobre as diferenças nas atuações dessas mulheres dentro e fora das aldeias, dentro e fora das telas dos celulares e das redes sociais.

Figura 11 - Capa de divulgação do Curta metragem “Hawalari”



Fonte: Reprodução do Instagram de Hawalari Coxini, 2022.

O cocar na cultura Iny é um símbolo de poder, sendo utilizado tradicionalmente apenas pelos homens, que podem entrar na Casa de Aruanã, ou seja, os homens que possuem poder de decisões políticas dentro das aldeias. Em entrevista (Apêndice A) Rafaella relata que não usa o cocar na cabeça por respeito a sua cultura e por ser assim que seu pai lhe ensinou, por isso em sinal de respeito ela sempre o usa nos ombros (Figura 7). Já Narubia Werreria que parte de outra forma de criação e de outra vivência sempre usa um grande cocar amarelo em sua cabeça (Figura 5), principalmente quando está em lugares de relevância política em suas falas nas redes sociais não identificamos nenhum debate sobre esse uso. Em contrapartida das mulheres aqui observadas, Hawalari Coxini não apresenta em nenhum momento nas suas redes sociais usando cocar, o que vemos é a presença de um visual com menos pinturas e representações culturais do povo Iny.

Podemos constatar com base nas informações coletadas nas redes sociais das mulheres Iny Karajá, que nos últimos anos vem surgindo uma nova forma de poder feminino na cultura Iny, com lideranças de mulheres nas instituições indígenas de representação, mesmo que os homens dominam o poder político dentro da aldeia na casa de aruanã, as mulheres vêm tomando a frente articulando outras formas de lideranças, respeitando os limites da cultura e repensando sobre os espaços de poder dentro e fora das aldeias. As mulheres Iny karajá do Tocantins estão ocupando espaços.

Ao observar os perfis no Instagram dessas mulheres podemos nos voltar aos conceitos da Manuela Carneiro da Cunha (2009). É preciso pensar em uma forma indígena de fazer política, o que chamamos vamos chamar de Política sem Aspas, essa política seria o modo político indígena, fora dos moldes modernos ocidentais estabelecidos, pois é uma política que parte de cosmologias únicas, que rompem com a lógica da estrutura social de poder vigente.

A “cultura com aspas”, seria diferente da sem aspas, o “exagero” na forma de enxergar os povos indígenas, seria também a política que se espera que os indígenas assumam, mesmo que, muitas vezes, tal atuação não corresponda de fato a sua realidade, a política com aspas seria uma política para suprir um desejo incessante do meio de vida moderno de mostrar que aceita o “diferente”, o “exótico”, quando na verdade essa “cultura” tem por objetivo se impor e continuar aglutinando os povos indígenas, em torno do seu poder, fazendo-os de massa de manobra. Daí a importância de compreender as atuações cosmopolíticas em contraposição à "política com aspas" tendo como referencial de investigação as contra narrativas das mulheres Iny Karajá.

4.1 Os movimentos políticos de povos indígenas na pandemia

O povo indígena do Brasil é resistência, isso é uma constatação apesar do grande genocídio sofrido por várias sociedades indígenas desde a chegada dos portugueses, povos indígenas nunca deixaram de lutar, na pandemia não foi diferente, observamos as articulações das mulheres Iny Karajá do Tocantins, mas a preocupação pela defesa dos direitos indígenas foi uma luta de âmbito nacional entre os anos de 2020 a 2022, os povos indígenas seguiram em movimento.

Muitas lideranças indígenas e instituições tomaram a frente de organizar os povos indígenas devido às especificidades dos povos indígenas, à vulnerabilidade social de diversas comunidades e ao alto índice de propagação do coronavírus, trouxe o risco de genocídio indígena na pandemia.

Segundo dados do IBGE (2010), na região Norte, 70,9% dos domicílios indígenas não têm banheiro. Sendo que os domicílios indígenas, principalmente nas áreas rurais, apresentaram os maiores déficits em esgotamento sanitário. Dados esse números entidades indígenas como a APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

Foram realizados vários movimentos importantes neste período de revolta e indignação com as violações dos direitos indígenas, como o Acampamento Levante pela Terra realizado em junho de 2021, na ocasião reuniu mais de 40 povos indígenas de todo o país

foram a frente da FUNAI manifestando contra o Projeto de Lei (PL) 490. O projeto previa a restrição das demarcações de terras indígenas com base na tese do marco temporal, abre terras demarcadas para atividades como garimpo, mineração, agronegócio e construção de hidrelétricas e outras grandes obras, e propõe até que a União se aproprie e disponibilize para a reforma agrária terras em que tenha havido “alteração dos traços culturais” da comunidade indígena.

Figura 12 - A Resistência Indígena na Pandemia



Fonte: Acampamento Levante Pela Terra - Print feito da Transmissão ao Vivo (Live) do Instagram da APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, 2021.

Além do acampamento foi realizada a Marcha, chamada “Demarcação já!” que reuniu em abril de 2022, mais de 6.000 pessoas indígenas de vários povos em Brasília, unidos pelo direito às suas terras tradicionais, este contou com a participação de mulheres Iny do Tocantins. Ainda entre esses anos foi também realizada a Marcha das Mulheres Indígenas que teve sua segunda edição em 2021, reunindo mais de 5 mil mulheres de mais de 172 povos indígenas, essas se reuniram para debater e se articular sobre o tema “Mulheres originárias: Reflorestando mentes para a cura da Terra”. Foi possível acompanhar todos esses movimentos através das redes sociais, via perfis das entidades e ativistas indígenas que estavam presentes.

A presença de mulheres indígenas nas redes sociais potencializou os discursos e reivindicações, o perfil da ativista e política Sônia Guajajara já possui mais de 300 mil seguidores em todo país, sendo para além de um perfil pessoal, uma plataforma de denúncia para casos onde os direitos dos povos indígenas são violados.

Em âmbito nacional podemos citar o protagonismo na política de Joenia Wapichania, mulher indígena do povo indígena Wapixana do Estado de Roraima, se tornou a primeira mulher indígena eleita para Deputada Federal no Brasil, assumindo o cargo em 2019, abrindo as portas para que neste ano de 2022 tenhamos finalmente uma bancada indígena dentro da Câmara Federal, nesta última eleição foram eleitas 5 pessoas indígenas para ocupar a Câmara Federal, entre essas 4 mulheres. Sônia Guajajara é uma das 4 mulheres indígenas eleita para Deputada Federal, agora seu ativismo poderá ser além de uma voz, pois se concretizará em políticas públicas para povos indígenas.

Outras pessoas indígenas que vêm se destacando na tomada indígena aos espaços de direito é o Cacique Raoni Metuktire é reconhecido como um dos principais representantes da luta pela preservação da floresta e dos povos amazônicos e dedicou sua vida à defesa da vida e dos territórios desses povos, sendo um dos maiores ativistas da causa no Brasil. No ano de 2020 foi indicado ao Nobel da Paz, pela sua luta na defesa dos povos indígenas.

Figura 13 - Raoni Metuktire do povo indígena Caiapó



Fonte: Portal Hypenses, “Conheça Raoni”, 2019.

No Tocantins entre as mulheres Iny karajá além das 3 mulheres que esse trabalho se centra, ainda destacamos a atuação de outras mulheres Iny que transformando e ocupando os espaços de poder como Jijuké Karajá que é uma mulher indígena do povo Iny Karajá do Tocantins, enfermeira, ativista e coordena em cooperação com Rafaella Coxini o canal no Youtube “Sob os olhares das mulheres indígenas”.

Destacamos ainda a atuação acadêmica de Eugislane Moreira Lima Karajá, mulher indígena do povo Karajá - Xambioá que se tornou a primeira servidora efetiva indígena da UFT, como pesquisadora vem contribuindo com a produção de um escopo acadêmico que trata dos povos indígenas do Tocantins, produzindo trabalhos junto ao seu povo Karajá-Xambioá, sua tese de doutorado é um exemplo intitulada “Teorização para um Paradigma da Educação Escolar Indígena Emergente sob a Perspectiva Karajá-Xambioá - Do Pensar Complexo à Pedagogia da Ancestralidade/Matukari-Walahina” (2022).

Figura 14 - Eugislane Moreira Lima Karajá mulher indígena do povo Iny Karajá - Xambioá



Fonte: Site Oficial da Universidade Federal do Tocantins, matéria por Por Ana Lissa, 2022.

Quando falamos de mulheres indígenas e atuação política, ou debates de gênero ainda há uma visão extremamente equivocada, que compreende que esse não é lugar de mulher indígena, e que a mesma está fugindo a sua cultura, mas as sociedades indígenas elas não são estáticas assim como a sociedade urbanizada mudou ao longo da história as sociedades tradicionais também.

Atualmente no Tocantins não temos nenhuma representação de mulher indígena em cargo político, Narubia Werreria manifesta em suas redes e suas articulações políticas, um interesse futuro por se candidatar a cargo político, essa construção da figura política de Narubia tem sido construída, como observamos neste trabalho, se caso se concretize, será a entrada de uma novos modos de politizar o cosmos dentro do nosso Estado do Tocantins, ainda tão conservador e dominado por homens. Seguimos observando seus próximos passos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos durante este trabalho observar e constatar que as mulheres indígenas estão se articulando e atuando em diversos espaços, e sempre estiveram, ao contrário do que é um senso comum, essas nunca foram estáticas na cultura ou em tomadas de poder dentro e fora de suas sociedades, um equívoco como demonstra Freire (2002), pois as mulheres indígenas estão nos espaços políticos, nas redes sociais, nas aldeias e em tantos outros lugares se articulando, como aqui destacamos.

As inquietações nos apontam que ainda há muito o que falarmos sobre as mulheres de sociedades indígenas no Brasil, essas devem estar cada vez mais no escopo acadêmico de pesquisa.

É preciso pensar em uma nova forma de se fazer política, por muito tempo nosso sistema político foi pensando e dominado por homens de sociedades que sempre produziram uma política colonizadora, a cosmopolítica produzida por mulheres Iny Karajá, através dos espaços que essas conseguem adentrar e se articular, seja no território das aldeias ou nas redes sociais, vem se mostrando como essa nova política, que se manifesta através da arte em forma de ativismo com as bonecas Ritxoko, na música, no grafismo indígena e nas diversas manifestações culturais dos povo Iny e outros povos indígenas no país.

As contra narrativas aqui apresentadas apontam a importância do avanço nos últimos anos de mulheres indígenas em cargos políticos, esse avanço permitiu a maior inserção de mulheres indígenas dentro das universidades e dos lugares que buscam pensar políticas públicas e defesa dos Direitos dos Povos Indígenas no Brasil.

Em 2022 podemos finalmente pensar cada vez mais em um protagonismo indígena na política, este ano foi eleita a maior Bancada Indígena do Congresso Nacional sendo 5 pessoas indígenas eleitas e entre essas, 4 mulheres, isso em um governo ainda conservador, o que mostra a força e a necessidade que as sociedades indígenas no Brasil tem de representação. Com esse avanço e as inclinações políticas de Narubia Werreria, Rafaella Coxini e Hawalari Coxini, podemos vislumbrar um futuro com representações de mulheres indígenas no Tocantins em cargos políticos.

Narubia Werreria anuncia: "O futuro é a mulher indígena, ou não será", a artista que usa da arte para lutar pelo seu povo e seus direitos, afirma que todos os lugares são lugares dos povos indígenas.

As músicas, pinturas, bonecas Ritxoko e toda arte das mulheres Iny anunciam uma revolução, e é justamente isso que buscamos expor neste trabalho quando a proposta ou

proposição cosmopolítica de Stengers (2018), nos apresenta um esforço para desestabilizar o que entendemos por política, para quebrar as tradições modernas que excluem povos indígenas dos espaços de poder:

“As ciências ditas modernas seriam uma maneira de responder à questão política por excelência: quem pode falar de que, fazer-se o porta-voz de que, representar o quê? Mas eu corria o risco de fazer dessa questão política uma chave para a questão que eu tinha nomeado de “ecologia das práticas”, invenção das maneiras que poderiam ensinar a fazer coexistir práticas diferentes, respondendo a obrigações divergentes. Eu corria o risco de esquecer que a categoria de política com a qual eu trabalhava faz parte de nossa tradição, é emprestada das fontes de invenção própria a essa tradição.” (STENGERS, 2018, p. 445).

A inserção de mulheres a cargos políticos no Brasil, é uma questão de sobrevivência dos povos indígenas e defesa pela autonomia do corpo da mulher indígena. A matrilinearidade do povo Iny Karajá surge aqui como um meio para pensar política, e não apenas como elemento cultural que estrutura os processos sociais, se tornando importante para determinar a forma de se fazer política própria das mulheres Iny Karajá.

Para os próximos passos nesse avanço das mulheres indígenas que estão cruzando fronteiras, precisamos nos questionar e pensar quais as estratégias para superar o racismo e violência de gênero, encontradas pelas mulheres que conseguem atuar nos espaços?

Este trabalho ainda que seja um esforço prévio é uma tentativa de somar - se a resistência indígena, contribuindo para que o escopo acadêmico sobre o tema cresça cada vez mais, e que inspire outras mulheres, vamos juntas!

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CINCO INDÍGENAS SÃO ELEITOS PARA A CÂMARA DOS DEPUTADOS. **SITE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS DO BRASIL**. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/noticias/911616-cinco-indigenas-sao-eleit-os-para-a-camara-dos-deputados/>> Acesso em: 05 de dezembro de 2022.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado**. In.: A sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- CLETO, Marcelo de Souza. **O Espinho do Pequi**. Porto Nacional/TO, 2018.
- COMUNIDADES INY KARAJÁ. **Iny Tkylysinamy Rybèna : arte iny karajá : patrimônio cultural do Brasil / Comunidades Iny Karajá ; organização, Nei Clara de Lima e Rosani Moreira Leitão**. – Goiânia : IPHAN-GO, 2019.
- CUNHA, Manuela Carneiro. **Cultura com aspas**. Rio de Janeiro: Cosac & Naify, 2009.
- DA MATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, n. 27, maio de 1978.
- DEMARCHI, André. **Contra-narrativas indígenas: vulnerabilidades e resistências**. In: MIRANDA, Cynthia Mara [et al]. Vulnerabilidades, narrativas e identidades. Belo Horizonte, MG: fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020.
- FREIRE, José Ribamar Bessa. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Cenesh Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano, Manaus, v. 1, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1.ed (1926).IS.reimpressão Rio de Janeiro:LTC, 2008.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Dados Indígenas**. Disponível em: <<https://indigenas.ibge.gov.br/>> Acesso em: 05 de Dezembro de 2022.
- KARAJÁ, Jijuké Hukanaru de Farias. **Suicídio entre os Iny (Povo Karajá): Percepções da Comunidade de Hawaló**. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília – UnB, Brasília, DF, 2019.
- KARAJÁ. **Povos Indígenas do Brasil, site Socioambiental**, 2022. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karaj%C3%A1>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.
- M., SOUZA, M. E., CARVALHO, C. A., LAGE, L. R. (Orgs.). **Vulnerabilidades, narrativas e identidades**. Belo Horizonte: eDoc, 2020.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922]. Vozes, 2002.

‘MULHER INDÍGENA É O FUTURO’: **A luta de lideranças dentro e fora de aldeias**. Portal Geledés, 2022. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/mulher-indigena-e-o-futuro-a-luta-de-liderancas-dentro-e-fora-de-aldeias/>> Acesso em: 20 de novembro de 2022.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa Social: Teoria método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis/RJ, 2002.

QUESADA, Luis Roberto Andrade. **Artivismo indígena e indigenista**. Dissertação de Mestrado, - São Paulo, 2019.

RAPOSO, Clarisse. **Produzindo Diferença. Gênero, Dualismo e Transformação entre os Akwê-Xerente**. Dissertação de Mestrado. PPGAN/UFMG, 2009.

SANTOS, F. M. & Gomes, S. H. A. (2013). **Etnografia virtual na prática: Análise dos procedimentos metodológicos observados em estudos empíricos em cibercultura**. In 7o Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura, São Paulo. Palmas:Nagô Editora, 2015.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Rejjane Pinheiro da. **Povos indígenas do Tocantins: desafios contemporâneos**.

STENGERS, Isabelle. **A proposição cosmopolítica**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, N. 69, p 442-464, abr. 2018.

STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia/ Marilyn Strathern; André Villalobos, tradutor**. - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

APÊNDICE A - Entrevista com Rafaella Coxini

A presente entrevista foi realizada no dia 22 de novembro de 2022, via Plataforma Google Meet, com Rafaella Coxini.

L: Bom dia Rafaella, para iniciarmos gostaria que você se apresentasse...

R: Bom dia Lys, eu sou Rafaella Coxini, mulher indígena do Povo Iny, mais conhecido como Karajá, sou advogada e fotógrafa, também faço parte da coordenação do Iny Mahadu, que hoje é uma associação que representa todo o povo Iny.

L: Rafaella me conta um pouco sobre onde você cresceu...

R: Então eu sou do Povo Iny, mas eu não fui criada na aldeia meu pai Daniel Coxini foi uma liderança Iny Karajá muito atuante chegou a ser Cacique de aldeia e por isso ele trabalhou por muitos anos na FUNAI, sendo assim eu e minhas irmãs fomos criadas pelo meu pai e minha mãe nas cidades aqui do Estado de Goiás, onde vivo atualmente e resido em Brasília.

L: Como era/ é seu contato com a aldeia?

R: Como meu pai trabalhava na FUNAI eu e meus irmãos fomos criados na cidade de Brasília, o meu contato com a aldeia era rotineiro mesmo com essa distância já que meu pai tinha que sempre ir aos seus compromissos na aldeia sendo um dos homens da casa de aruanã, que na nossa cultura é a casa dos homens onde o cacique e demais homens que contatam os xamãs tomam as decisões da aldeia, por isso sempre tive contato com minha cultura, porém não tive a vivência profunda de morar e crescer em uma aldeia.

L: Você pode me falar mais um pouco sobre essas relações de poder dentro da aldeia, olhando suas postagens vi que nas suas redes sociais você não usa cocar na cabeça e tradicionalmente mulheres Iny não o usam...

R: Não, eu não uso como uma forma de respeito a minha cultura, quem usa cocar é o cacique da aldeia que é homem, foi assim que meu pai me ensinou.

L: Rafaella, quando e como você começou a usar suas redes sociais para falar sobre a cultura Iny?

R: Na pandemia, eu comecei a ser assessora da associação do povo Iny, e muitas mulheres que fazem bonecas Ritxoko, pulseiras, cocar, colares na aldeia, estavam sem conseguir comercializar esses artigos, aí criamos uma página no instagram para vender e divulgar esse trabalho. Minha mãe que sempre esteve envolvida na comunidade resolveu investir, para ajudar as mulheres, comprando das mulheres da aldeia e revendendo, para movimentar. Ai estamos comercializando os artesanatos na feira, o retorno não foi tão grande, mas isso ajudou

a divulgar o trabalho das mulheres. Então também comecei a movimentar o canal do youtube sob os olhares das mulheres indígenas.

L: Em suas fotos nas redes sociais percebo que diferente de outras mulheres Iny que postam fotos nas redes sociais usando cocar na cabeça, você não usa, pode falar um pouco sobre...

R: A mulher karajá não utiliza cocar, ela utiliza quando ela é criança, que é tipo uma toquinha, depois que ela fica moça não utiliza nenhum na cabeça. Só os homens que usam no ritual de passagem pra adulto, nos rituais e os caciques que usam, tradicionalmente não usa nenhum tipo de cocar a mulher adulta. Isso é mais uma coisa pro não indígena porque ele precisa ver que você é indígena e só por isso ainda eu utilizo ele no ombro, mas não porque o não indígena quer que eu use ele na cabeça que eu vou usar pra me afirmar.

L: aproveitando que estamos nesse assunto de qual sua relação com as bonecas ritxoko anterior a ajuda de comercialização nas redes?

R: Como não fui criada na aldeia eu não cheguei a aprender a fazer as bonecas, eu pra falar que não aprendi a fazer nada eu aprendi sobre as pinturas. Minha família nunca teve a renda voltada e a cultura para a mulher, meu ensinamento não foi voltado pra isso. Consegui aprender sobre os processos culturais do trabalho manual eu aprendi na teoria. Então meu processo foi estudar e voltar pra contribuir na aldeia, eu aprendi um papel que é mais do homem, de liderança. Ter uma mulher em um espaço que não é de mulher, é complicado e minha luta é mais pra dá voz às mulheres. Isso eu sempre falo pra minha irmã Coxini, ela diz que tenho que quebrar os paradigmas, mas digo que meu papel é o de ajudar a dá voz, porque não adianta eu ir lá e fazer mulheres usar cocar e pegar simbolos de poder, se elas não são ouvidas, primeiro vamos pelo poder de fala, fazer elas serem ouvidas nas rodas de conversa entre os homens, esse processo de fala muito mais importante que usar um cocar.

L: Para encerrar você falou que é uma liderança atualmente, como você a atuação de mulheres que estão ascendendo a cargos políticos, nas redes sociais, a eleita bancada indígena, como isso ajuda na articulação de mulheres dentro das aldeias?

R: Eu acho muito bom ter mulheres na política ocupando os espaços, seja branca, negra ou indígena. Quando nós indígenas chegamos lá isso é fortalecimento, de dentro pra fora, porque

começamos a refletir sobre os processos de representação, por entender que elas estão dentro de uma cultura, porque as mulheres indígenas entenderem que são importantes isso é importante. A bancada do cocar que é feito só por mulheres de grande nome, inclusive duas delas muito representantes das causas das mulheres, assim as mulheres dentro da aldeia veem que podem estar em qualquer lugar, se você tem formação pra isso. Temos ter o cuidado de saber também como vamos mudar o processo político, isso é sabedoria é preciso ter cuidado.

L: Rafaella muito obrigada pelo tempo mesmo que corrido e disponibilidade de tempo por compartilhar conhecimento, tudo que você falou aqui é extremamente importante para minha pesquisa, espero que possamos nos ver presencialmente, incrível te conhecer!

R: Disponha Lys, qualquer coisa estou nas redes sociais pode contar comigo, sucesso na pesquisa!

Imagem 1 - Print da entrevista realizada com Rafaella Coxini via Google Meet



Fonte: A autora, 2022.

APÊNDICE B - Diário de Campo - Aldeia Horotory Awá

O presente Diário de Campo é uma apresentação sobre impressões e experiências, desenvolvidas no decorrer de uma visita à Aldeia Horotory Awá na Ilha do Bananal/TO a maior ilha fluvial do mundo, o Campo realizou-se entre os dias 12, 13 e 14 de março de 2022. O local da pesquisa é um território indígena do povo Iny Karajá falantes da língua Iny Rybé do tronco linguístico Macro-Jê , a aldeia fica a cerca de 60km da cidade de Lagoa da Confusão/TO.

Este Campo tornou-se possível após aproximações pessoais e amizades que desenvolvi com pessoas Iny Karajá na cidade Palmas/TO, onde habito algumas dessas pessoas foram F., M. e L., ambos do Povo Karajá, mas vivem na cidade de Palmas (nomes serão preservados)... sabendo do meu interesse quanto pesquisadora em visitar o povo Iny Karajá, fui convidada por eles a participar da festa de aniversário do Avô do F. na Aldeia Horotoy, o que vi como uma grande oportunidade de enfim após 2 anos de pandemia da COVID-19 e estudos sobre mulheres indígenas Karajá, poder alinhar teoria e prática e conhecer de fato as pessoas que minha pesquisa toma por crivo, conhecer a cultura e os modos de viver... coisas que só o Campo e a experiência podiam me proporcionar, mas que ainda não havia vivenciado pelo distanciamento de pessoas indígenas no meu convívio que a pandemia causou, além de ter respeitado as normas sanitárias de isolamento social principalmente nos territórios indígenas e ainda pela espera da vacina, essa oportunidade surgiu quando os casos de COVID -19 no mundo diminuíram por causa dos efeitos da população vacinada, assim pude ir por já ter tomado as minhas três doses exigidas na data.

Após o convite ficamos acordadas de sair da cidade de Palmas/TO para Lagoa da Confusão/TO no dia 12 de março (sábado), assim fizemos pegamos por volta das 12h do dia combinado o primeiro meio de transporte, um ônibus, para nossa longa viagem de mais de 200km, com destino a Lagoa, durante a ida conversei sobre minha ansiedade sobre o Campo com minhas amigas já nativas, pois sendo indígenas M. e L., não possuem a fisionomia e os modos de viver "índio genérico" (FREIRE, 2000), que apesar de todo meu conhecimento e despreendimento de preconceitos sobre povos indígenas, ao conhecê-las me intriguei, pois M. possui pele negra e cabelos crespos, L. já tem uma fisionomia que remete ao que já me era familiar quanto aos indígenas no Tocantins, mas ao mesmo tempo o seu emprego de social mídia, seus anos morando na capital Palmas, também que não fez notar que a mesma era indígena ao conhecê-la. A minha aproximação com povos indígenas e contato anterior às relações com minhas amigas Karajá, foi com o povo Xerente/Akwê muitos estudantes do

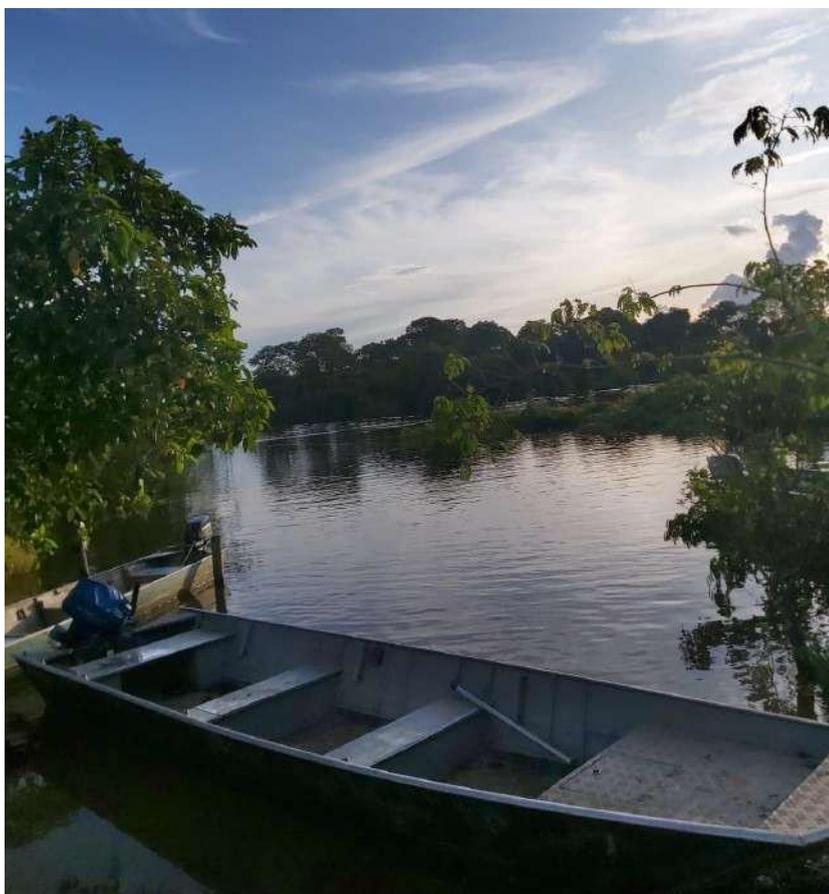
UFT, que possuem uma fisionomia de cabelos lisos e pele amarronzada, então foi a primeira vez que conheci pessoas indígenas fruto do processo de miscigenação e do contexto urbano, foi esse nosso assunto durante a viagem de ônibus.

Chegamos a cidade de Lagoa da Confusão já por volta das 17h da tarde, de lá pegamos uma carona de moto com o F. Iny Karajá também meu amigo e outros parentes das minhas amigas, fomos por uma estrada de chão por cerca de 60Km depois da cidade até as margens do Rio Javaés na Ilha do Bananal, fiquei maravilhada com vegetação da estrada, nunca tinha visto no cerrado tanto verde e tanta vegetação inundada, muita água e animais no caminho.

O mês de março no Tocantins corresponde a um período de muita chuva, quando chegamos às margens da maior Ilha fluvial do mundo: o Rio Javaés. O rio estava muito cheio de modo que não pude contemplar dessa vez as grandes faixas de areia que me relataram ladear as margens, no período da seca. Após nossa viagem de moto por volta das 18h, enfim, pegamos uma canoa, único meio de acesso para chegar até a Aldeia Hotory Awá e participar da festa que já havia começado.

Ao chegar na Aldeia a primeira visão que tive foi a de uma bandeira do Brasil, essa estava hasteada bem em frente as casas nas margens do rio, no momento inicial achei o cenário mais lindo, mesmo a noite pois já chegamos tarde na aldeia. A imagem que criei uma visão de que em tempos tão hostis e de ameaça conservadora da extrema direita na política brasileira, aquela imagem representa de fato Brasil que é do povo indígena, da diversidade.

Depois de me deparar com as primeiras impressões do território, minhas M. me levou para casa de seus parentes e então pude começar a conhecer os Iny Karajá da aldeia, fiquei instalada na casa da C. e A., local onde vivem com seus 3 filhos pequenos. O casal que me acolheu sempre viveu na aldeia saindo apenas para estudar, suas fisionomias já eram para mim mais familiares do que conhecia dos povos indígenas aqui no Tocantins. mas o que mais uma vez me chamou atenção foi a estrutura da casa onde fiquei, pois ao contrário do que muitos esperam de uma habitação indígena não era toda de madeira e palha. Mas era uma casa de tijolos bem rebocada e com ar condicionado nos quartos, TV com Netflix, Wi-Fi, assim como as casas dos contextos urbanos. Mesmo existindo casas com essa estrutura na aldeia notei que a casa em que fiquei hospedada era uma das poucas com tais características, outras casas mais afastadas eram feitas de madeira e teto de palhas.

Imagem 01 - Chegada às margens do Rio Javaés, canoa de acesso a Aldeia.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Logo depois de me instalar, descemos todos da casa para o local da festa, no pátio bem grande que fica na aldeia, infelizmente acabei perdendo as partes rituais de preparação da festa, como a parte que as mulheres se pintam, as pinturas envolvem muitas figuras geométricas e costumam ser feitas com tinta de jenipapo e urucum, além dos adereços que compõem o se enfeitar para a festa, com muitas miçangas ... mas cheguei no horário de servir a janta para todos, o aniversário em que fui convidada foi do D. a quem todos chamam de “Velho D.”, pois é uma das pessoas mais antigas e que ajudou a fundar a aldeia, todo ano essa festa acontece em celebração a sua vida, e o mesmo fornece a todos a estrutura para os rituais e as comidas.

Ao ser apresentada pelas minhas amigas ao D., aniversariante ele logo quase que “me convocou” para ajudar a mexer as panelas para servir a janta. Havia muita carne, aliás, foi o que mais comi quando estive na aldeia. Servido o jantar, começaram a chegar pessoas de todos os cantos, chegavam de canoas vindos de outras aldeias próximas. Observei muitas

peessoas, todos comendo juntos. Algo que logo notei entre os Iny Karajá tudo se faz junto.

Após todos comerem, iniciou a festa, que mais uma vez, não foi como eu imaginava, começou um som bem alto de forró e todos da aldeia e os convidados (vindos de outras aldeias Karajá) começaram a dançar muito e beber. Neste momento já havia sido apresentada às pessoas e me sentia um pouco cansada da viagem. Afastei-me um pouco das minhas amigas que foram aproveitar a festa e matar a saudade dos parentes, fiquei sentada e às vezes circulava pelo pátio, observando as pessoas, as conversas.

Notei entre as conversas a forma diferente com que os moradores da Aldeia Horotoy falavam dos parentes de outras aldeias, os chamando de “Os Awire”, em minhas impressões os que foram participar das festas eram menos enturmados nas danças e sempre falavam na língua Iny Ribé, provavelmente o “apelido dado a eles seja por não viverem da mesma maneira que vivem na Horotoy. “Awire” é um cumprimento que na língua portuguesa poderia ser um “Olá”, os indígenas das outras aldeias diziam o tempo todo para todos “Awire”, já na Horotoy se fala mais o português.

Observei no dançar do forró dos que estavam no salão que meninas que mulheres sempre estavam dançando com outras mulheres, só estavam dançando com homens as mulheres casadas, sempre tímidas e distantes as meninas principalmente jovens da aldeia, quase não fizeram contato comigo.

Já tarde da noite, resolvi dormir e descansar para aproveitar o Domingo, dia 13/03, meu primeiro dia inteiro na aldeia. Ao acordar no dia seguinte, já me deparei na casa da C. e A. várias plaquinhas igrejas evangélicas pela casa, e diálogos sobre um retiro que o pessoal da aldeia montou abaixo do rio para orar, a C. principalmente uma mulher religiosa sempre falava nos diálogos “glória a deus” e “aleluia”. Após essa observação, nos direcionamos todos novamente ao pátio. O café da manhã era uma farofa de farinha bem grossa de mandioca, que foi servida a todos, como parte das celebrações finais do aniversário do D.

Neste momento em que todos estávamos comendo juntos, surgiu uma discussão sobre política entre as minhas amigas e seus parentes, as mesmas falavam de como foi boa a vacina e que se estivéssemos em um governo de esquerda tudo teria se ajustado antes, mas aí a minha imagética criada com a visão da bandeira lá atrás se desfez, quando o A. se declarou “bolsonarista”, grupo de pessoas que seguem e defendem o atual governo do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro e suas ideologias ultraconservadoras, apesar dele como indígena ter se vacinado como quase todos que tive contato na aldeia, ele declarava que o atual governo beneficia seu povo, pelas políticas do agronegócio serem muito fortes

atualmente dentro da aldeia. Já a pesca e venda dos peixes deixou de ser lucrativa com a chegada de empresas nos arredores da aldeia.

Essa discussão se estendeu e me mostrou um contraste muito grande, entre os jovens que saem da aldeia para estudar e o acesso às informações que esses têm, com os que permanecem nas aldeias e acessam bem pouco os canais de comunicação, apesar do recente acesso a internet na aldeia não são todas as casas que possuem wi-fi, além de não ter sinal de todas as operadoras para dados móveis de internet, vivenciei os dias na aldeia com um único acesso a internet o que mostra a dificuldade, assim aplicativos em que as mensagens carregam mais rápido com o Whatsapp são os mais utilizados, e no meio dos escândalos do governo de espalhar Fake News via este aplicativo, pude ver o resultado dentro da aldeia com as declarações políticas de A. em apoio e defesa do governo, tanto que a bandeira em frente a aldeia foi colocada pelo mesmo, em menção ao verde e amarelo que Bolsonaro usa como marca de sua gestão.

Após as conversas, iniciou o último ritual do aniversário do D., todos foram se juntando no gramado para que os homens e inclusive o aniversariante lutassem, mas essa luta é diferente do usualmente vejo nos esportes da nossa sociedade urbanizada, eles mais brincavam que competiam entre si, já que a finalidade da luta como me explicou minhas amigas era mostrar a força do homem Iny Karajá adulto, mostrar que ele ainda conseguia realizar esse ritual que inclusive divertiu a todos/as. Havia torcidas das mulheres para seus parceiros e das mães para seus filhos.

Ainda segundo os mais velhos presentes disseram que essa luta ela pode ser realizada no ritual chamado de Hetohoky que marca a passagem do homem para a vida adulta, uma das maiores festas que ocorrem todo ano é em torno desse ritual.

A luta só tem uma regra: fazer o outro homem que luta com você ficar por baixo, mostrando que ele tem menos força para ficar por cima. ou a desistência, ao término da luta tem sempre cumprimentos e sorrisos, a luta é como uma brincadeira para os homens e meninos que treinam aos redores das lutas para quando crescer.

Chegando o horário do almoço e com o fim da festa de aniversário, comemos todos na casa do casal C. e A. que estavam instaladas eu e M., L. e F., ao terminar o almoço as crianças que não saiam de perto de nós, nos chamaram para banhar de rio, a C. também foi, no banho de rio conversei muito com ela, que me contou sua história. de como ela sendo do povo indígena Krahô - Kanela foi se casar e morar com o povo Iny Karajá.

Imagem 02 - Bandeira do Brasil na entrada da Aldeia Horotory Awá



Fonte: A autora, 2022.

Em conversa C. me disse que conheceu seu parceiro estudando pedagogia na faculdade, ambos entraram com cota indígena e na cidade que estudaram foram se conhecendo, ao terminar a faculdade ela decidiu deixar sua aldeia e morar na aldeia do Ademilton, que na época há uns 10 anos atrás ainda não a Horotory, e assim ambos começaram a trabalhar nas escolas das aldeias e ela foi ficando e construindo sua vida ali, ela disse ainda que a aldeia tem pouco tempo que se formou de forma oficial, já que ela foi construída por parte de famílias que viviam afastadas das outras aldeias e que por isso eram diferentes das outras, tanto que na aldeia tem povo Iny Karajá, Iny Javaé e até Avá Canoeiro.

Imagem 03 - Homens praticando luta

Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Segundo Cleia, antes deles se formarem como aldeia tudo era mais difícil água que ainda hoje não tem acesso encanado em todos os lugares, não tinha em nenhum lugar, tinham que beber de poço, a energia também era complicada, o acesso a internet ponto de Wi-Fi dentro da aldeia só veio com a demanda da pandemia de ensino a distância, faz menos de um ano que o povo da aldeia tem acesso a internet, antes tinham que pegar seus barcos e procurar sinal nas margens ou onde pegasse dados móveis de celular. Durante nossa conversa sempre passava pelo rio mulheres e crianças curiosas com a presença de “a estranha na aldeia” e paravam e nos olhavam, estavam sempre por perto, mas nunca faziam contato, já que estavam também

muitas jogando bola no campo de grama que tem na aldeia, as meninas não saíram de lá, de quando cheguei a quando fui embora.

Imagem 04 - Mulheres e meninas Iny Karajá nos arredores observando



Fonte: A autora, 2022.

Banhamos, brincamos e conversamos no rio à tarde toda, até anoitecer, procurei durante o campo não ficar o tempo todo só com minhas amigas, pois elas já eram familiares para mim, eu precisava deixar de ser estranha mesmo com pouco tempo para os outros, assim estávamos juntas mais nos momentos de me apresentar às pessoas ao visitar suas casas, e para tirar dúvidas, já que ambas também estavam aproveitando seus parentes antes de irmos embora.

À noite após jantarmos, a Millena me levou para encontrar alguns amigos dela na casa do Cacique da Aldeia e ele me cumprimentou e disse que era “bem-vinda” e todos os cumprimentos, o que foi mais intrigante nessa ida até a casa do Cacique foi ouvir as conversas, onde o mesmo e outros da casa estavam reclamando da comida da festa do Avó da minha amiga, como uma forma de recado para melhorar da próxima, observei que o povo da aldeia preza muito pela fartura e qualidade da atenção que é dada a comida que lhes serviram na festa.

Voltando pra casa que estávamos instaladas e combinamos de voltar pra Palmas, na segunda, 14/03, pela madrugada. A volta é necessária pois todas nós que fomos temos

empregos e outros compromissos. mas durante a noite houve uma forte chuva que nos fez ficar a manhã de segunda na aldeia, justamente, por ser perigoso atravessar de canoa para a margem com o Rio tão cheio. Por ficar na aldeia durante o primeiro dia da semana pela manhã, pude observar as crianças e a C. que trabalha na escola, indo para a mesma assim como todo o movimento que a escola causa para o povo, que em sua maioria que não tiram o sustento da pesca e agropecuária, trabalham nas escolas.

Ao abrir o tempo antes de nos levar de canoa até a margem o A. que cria porcos no fundo seu quintal e que já havia me dito que tinha gado e cavalos, fez questão de me mostrar orgulhoso os seus cavalos e fazer suas sobrinhas, minhas amigas, andarem neles antes de irmos, eu inclusive montei pela primeira vez em um cavalo.

Não pude me despedir de todos antes de ir, porque estavam na escola, mas com certeza conheci pessoas que sempre me lembrarei pela hospitalidade em me receber mesmo sendo uma estranha. Retornamos à Palmas no dia 14/03, por volta das 11h da manhã.

O trabalho de campo realizado na Aldeia Indígena Horotory Awá foi o meu primeiro contato o povo Iny Karajá em seu território, o lugar me proporcionou experiências únicas, onde pude colocar em prática as leituras e observações do último ano de pesquisa,

Sou grata aos amigos Iny que me permitiram conhecer mais sua cultura e deram a confiança de conhecer a sua terra, me mostrando mais uma vez nessas minhas experiências antropológicas a importância de conhecer a cultura sob o olhar do/a nativo/a.

Imagem 05 - Homem Iny Karajá levando sua filha no pescoço para o campo de futebol



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Imagem 06 - A. Iny Karajá e seus cavalos



Fonte: A autora, 2022.

APÊNDICE C - Diários de Campo nas Redes de Comunicação

Descrição de observações da Live “Thaline Karajá e Narubia Werreria Karajá” dia 18 de Abril 2021 no Instagram

A live que ocorreu no dia 18 de Abril de 2021, foi realizada pelas mulheres indígenas Karajá Narubia Werreria Karajá e Thaline Karajá, o intuito principal do encontro foi a divulgação de um especial para a comemoração do dia dos povos indígenas “Falas da Terra” transmitido pela Rede Globo no dia 19 de abril dia dos povos indígenas.

Narubia e Thaline, são cantoras e compuseram músicas para o especial, que tratou de contar a história de alguns povos indígenas do Brasil, para além da divulgação de seus trabalhos, ambas artistas da live puxaram discussões e reflexões sobre suas lutas e trajetórias.

Narubia, começou contando a história de como conheceu sua parente Thaline, ambas estavam participando da Marcha das Mulheres Indígenas, antes da pandemia e quando ambas perceberam que eram do mesmo povo Karajá, se aproximaram e começaram a trocar experiências nas redes sociais, mantendo contato, a identificação para além de ser ancestral entre ambas, também foi pela luta, já que Narubia se considera uma mulher indígena Artivista, junção das palavras Arte e Ativismo, que usa a arte para lutar pelo seu povo e seus direitos, porque segundo ela todos os lugares são lugares dos povos indígenas e que suas músicas anunciam uma revolução, e foi essa perspectiva de luta que a aproximou de Thaline por ela compartilhar esse sentimento.

Após a fala de Narubia, Thaline contou um pouco mais de sua trajetória, apontando como foi importante em sua vida conhecer outras mulheres indígenas, segundo Thaline ela cresceu, na cidade longe do povo Karajá, mas que sempre soube de sua origem, principalmente pelo preconceito que sofria ao ser chamada de “cabocla” ou quando mandavam ela “voltar pra aldeia”. Thaline com o passar dos anos resolveu buscar conhecer mais e se aproximar do seu povo Karajá, foi então que ela veio a conhecer no Pará, estado onde habita, um grupo de mulheres de Alter do Chão, neste grupo recebeu apoio para cantar e para lutar pelos seus direitos como mulher indígena, depois disso ela conseguiu chegar aos lugares, indo participar do maior Reality de talentos na música no Brasil o “The Voice Brasil” transmitido pela Rede Globo.

Ainda em relato na live, Thaline karajá contou que com a repercussão e visibilidade nacional que conseguiu, trouxe junto a ela a Narubia e foi puxando outras mulheres próximas

para o espaço conquistado de nível nacional, foi então que surgiu o convite para que Thaline e Narubia participassem como cantoras com suas músicas no especial da Globo.

A música “ Essa Terra é Minha” de Narubia Karajá, encerrou o especial. De acordo com Narubia, a música é uma mensagem que precisava sair de dentro dela, a letra foi composta após Narubia ouvir Thaline Karajá falar que os povos indígenas iriam ocupar todos os espaços, porque a terra pertence aos indígenas. a música surgiu durante uma madrugada, e veio para Narubia como um sopro do Grande Espírito, então ela se levantou e cantou letra e melodia de uma só vez.

No encerramento da Live, das histórias por trás dos encontros e músicas em comum que compartilham Narubia e Thaline, ambas reforçaram o pedido para o público assistir o especial, que ajuda a conhecer a luta dos povos originários do Brasil, afirmou Narubia que se a ideia de progresso exclui povos indígenas “sejamos descivilizados então”.

“Falas da Terra” - Especial dia dos povos Indígenas - dia 19 de abril de 2021 - Transmitido na Rede Globo de Televisão

O especial “Falas da Terra” transmitido pela Rede Globo, foi exibido no dia 19 de Abril de 2021, começando com uma pintura que retratava o “descobrimento do Brasil” como é contado nos livros de história, então em meio a pintura surge uma mulher indígena, que começa contar a verdadeira história do país, que começa bem antes de 1500, com s mais de 5 milhões de indígenas habitavam o Brasil, e com a invasão do território com a chegada dos portugueses foi reduzindo a sua população, atualmente a população indígenaindíegna chega a ser menos que 900 mil pessoas. Para mostrar quem são os povos indígenas que resistem, o programa apresentou falas de diversas pessoas indígenas de diferentes povos, entre essas mulheres que estão na linha de frente da resistência indígena, entre essas mulheres a primeira mulher indígena cirurgiã dentista Myrian Krexu, que desde pequena sonhava em ser médica, mas que quando entrou na universidade teve que ouvir de um professor a pergunta “ o que você faz em um curso de elite?”, ela não desistiu e hoje atua para a saúde dos povos indígenas.

Alessandra Korap Munduruku, também esteve presente representando seu povo Munduruku, ela que é liderança indígena fez uma fala alertando sobre as grandes máquinas na natureza, que vem envenenando a todos na Amazônia, um local que representa a vida e que está sendo diretamente ameaçada., Alessandra avisou que ela não tem medo de ameaça e vai continuar resistindo pelo seu território. Telma Taurepang, do povo Taurepang é liderança

pelos direitos das mulheres indígenas em Roraima, onde já ocupou muitos cargos políticos, atualmente como Conselheira Indígena de Roraima, faz de sua vida uma luta pelo seu povo, durante seu discurso Telma se banhou de barro e explicou, que o barro representa território para seu povo, é a conexão com o espírito e os ancestrais, por isso ela usa o barro como símbolo da sua luta por direitos. Fernanda Kaingang, mulher indígena do povo Kaingang, é advogada e defende atualmente os povos indígenas da América Latina nas Nações Unidas, ela então lembrou que a população indígena é diversa, e que o coletivo deve ser chamado de povos indígenas um direito conquistado nas Nações Unidas e sendo a nomenclatura correta a ser utilizada ao se referir a população indígena brasileira. Maial Kayapó também se fez presente, mostrando as pinturas do povo Kayapó e mostrando que somente as mulheres podem fazer pinturas, pois é uma arte sagrada, como estudante e ativista luta pela memória e defesa de seu território, o programa teve como última apresentação o Cacique Raoni Metuktire, que afirmou sua luta que vem sendo vista a décadas nacionalmente e internacionalmente, segundo Raoni ele não gosta de ver as coisas sendo destruídas, que o homem branco caminha pelo chão mas os indígenas caminharam primeiro, e que ele não gosta de quem faz minério no território porque acaba com a natureza essa que alimenta a todos, mas que acredita que o homem branco não entende isso. Após a fala do Cacique, foi mostrado no especial os indígenas que participaram da produção e por fim um musical com a música “Essa terra é minha” (composição de Narubia Werreria), cantada no final por Thaline Karajá, Narubia Werreria Karajá e Edivan Fukni-ô.

Ailton Krenak - Roda Viva - dia 19 de Abril 2021 - YouTube Canal “Roda Viva da TV Cultura”

Em 19 de abril de 2021, dia dos Povos Indígenas, Ailton Krenak foi entrevistado no programa Roda Viva da TV Cultura. Ailton Krenak do povo Krenak, esse que é um grande líder indígena, escritor, filósofo e jornalista., antes de começar o debate, foi apresentada a importância de Krenak quanto liderança, começando sua luta na década de 70, na luta pelos direitos e reconhecimento dos povos indígenas, até então não reconhecidos, o livro de Krenak intitulado “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) vendeu mais de 90 mil cópias, sendo traduzido para mais de 8 línguas, além da língua portuguesa.

Entre os debatedores convidados estavam três representantes indígenas de áreas distintas, a primeira pergunta se deu em um questionamento sobre o sofrimento que a terra onde habita o povo Krenak com a mineração., Krenak, em resposta ao interlocutor o escritor disse que

todos nós brasileiros e os povos indígenas estávamos vivendo, nos últimos anos, em um estado que ele chama de “suspensão dos sentidos”, que vem fazendo principalmente na pandemia, sobre tudo, sobre nosso cotidiano, sobre como comemos, andamos, falamos, quando nos ferimos a natureza, significa que todos nós estamos perdendo algum afeto.

Ailton Krenak seguiu, sua argumentação, comentando o episódio histórico do qual ele protagonizou na Constituinte de 1988, onde para participar das discussões ele teria que se vestir de terno, já que esse é o protocolo da formalidade pedida em eventos assim, quando Krenak obteve fala, ele começou a se pintar com tinta de jenipapo, como forma de protesto., Segundo o escritor na visão dele mesmo naquele cenário de saída da ditadura para a redemocratização, o Estado brasileiro era menos contraditório do que ele é hoje, já que naquele período o povo estava lutando junto por uma causa que era democracia, o que garantiu um capítulo na Constituição que fala sobre “Os direitos dos Índios”, este capítulo garantiu que após séculos desde a invasão do Brasil pelos portugueses, os povos indígenas do Brasil fossem considerados gente, e obtiveram direitos, como o de poder participar da disputa política nacional.

Quando Krenak pintou seu rosto, foi um ato para mostrar que todos naquele local de política, estavam pelados, e que nenhuma vestimenta fazia dos que estavam presentes melhores ou piores uns que os outros.

Krenak afirmou que os governos brasileiros, sejam de direita ou esquerda em determinados momentos criam rótulos, ou como ele menciona um time do qual vão jogar pra se mostrar na administração, e no caso do time atual do governo atual, nenhum indígena entrou no time, porque as camisas que vestiram não representa os povos indígenas.

Renata Tupinambá, mulher indígena entrevistada no programa, questionou Ailton Krenak sobre a redução da grandiosidade e diversidade dos povos indígenas, na redundância da palavra “índio”, tencionando a pergunta de como a pluralidade dos povos originários podem ajudar no que o Brasil pode vir a ser um dia e que ainda foi. Em resposta o escritor citou o romance de Darcy Ribeiro “ Utopia Selvagem”, onde as mulheres indígenas Amazonas governam o país, esse livro faz uma denúncia da fúria que se tem nos homens ainda dominarem o mundo e são os responsáveis por dar nome às coisas. Após a citação Krenak, afirmou então que vivemos um eterno retorno, já que o Brasil ainda não se encontrou para ser algo.

Em denúncia Ailton Krenak, apontou que o rio doce que passa pelo território do povo Krenak vem sendo tomado pelos rejeitos da barragem, mimetizando o rio e sobrando agora só a serpente de metal (referência ao trem que corta agora o território).

Sobre o agronegócio, Krenak, fez os seguintes apontamentos: a ciência e a tecnologia ajudaram a humanidade a dar grandes saltos, mas no Brasil esse recurso é usado por um grupo que resolveu ao invés de ajudar o país, assaltar os territórios indígenas transformando-os em monoculturas, em privilégio para o mercado.

Tudo em volta do agronegócio é violento, segundo o líder indígena, dentro desse aparato não tem planejamento, tudo gira em torno do oportunismo, “o tal do agro que é pop envenena a terra e arrasa com as bacias hidrográficas” (Ailton Krenak), isso tudo é reflexo do capitalismo, já que todos os governos gostam de exibir um PIB (Produto Interno Bruto) não importa a troco de que.

Seguindo suas críticas, Krenak falou sobre a FUNAI (Fundação Nacional do Índio), dizendo que esse tipo de agência internacionalmente sempre existiu independente da sigla, e os estados coloniais não conseguiram se desenvolver e por isso ficam criando organismos, pois não sabem o que fazer com os povos indígenas, e fica dizendo que essa agência FUNAI ajuda os povos, quando na verdade ela surge para administrar um problema do Estado que é a população indígena.

Para finalizar o debate do Roda Viva, afirmou que os povos indígenas são originários e não refugiados no Brasil, e que por isso devem ser tratados com respeito. A vida é um dom, que quando recebida a pessoa contemplada entra em uma dança cósmica, essa dança deve ser recebida com alegria, e assim encerrou o programa especial do dia dos povos indígenas no Programa Roda Viva da TV Cultura .